

Osee 10. mãos. Quando não, temo-se da ameaça que por Oseeas fez Deos aos ricos, & abastados do mundo: *Quia servati estis in diem malum.* Olhai que estais guardados para hum dia mau.

August. A proposito da cruesa natural, que em muitos homens ha, diz Santo Augustinho, que a crueldade dos homens he mayor que a das bestas feras, & deixa-se ver em muitos feitos cruellissimos, que homens obrãõ, & tigres de Hircania não fiserãõ. As crueldades dos tyrannos com que por tantos annos combateraõ a Igreja de Deos, foraõ grandissimas, & as mais dellas invétadas pelos demonios: & com encherem taõ grande numero de Martyres, não prevalecêrãõ, porq̃ tinha

Mat. 16. dito Christo, que todo o poder do inferno não havia de prevalecer contra ella. As crueldades de Nero, & Caligula fo-

Sueton. raõ famosas; porque este tinha taõ cruel condiçaõ, que dizia: Que nenhũa cousa estimãra mais, que ter o povo Romano só hũa garganta, para de hum golpe do seu cutello matar a todos juntos: & aquelle foi taõ cruel, que mandando pôr fogo à sua Cidade de Roma, de hũa janela o estava vendo, dizendo que se deleitava na fermosura daquellas chammas, & entre tanto cantava hũa poesia que tinha composto do incendio de Troya. Chegou apoz isso sua crueldade a mandar matar sua mãy Agripina, & ella vendo diante de si o ministro cõ a espada desembainhada, que hia para lhe tirar a vida, lhe disse: Que justo era que com ferro lhe passassem as entranhas, & esta fosse sua morte; porque entranhas que tinhaõ gérado tal monstro, bem era que tivessem tal fim. Bem mostrou a

Seneca. cruel natureza que tinha Annibal, vêdo hũa grande cova cheia de sangue humano, q̃ levantou a voz, dizendo: Oh que taõ alegre vista, que taõ fermoso espectaculo! *O formosum spectaculum!*

Endro.

Preguiça.

Consideração primeira.

O Endro que em Latim se chama Anethum, he ortaliga muito conhecida, & póde-se jactar, que a nomeou Christo nosso bem por sua bocca, como atras fica referido; por ella se significa a preguiça, & descuido; a razão he, porque esta herua provoca muito a sono, por ser quente, & secca: & por isso quando os antigos se assentavão nos convites, se coroavão com Endro, porque da mesa querião pegar no sono, & depois de fartos adormecer logo. E porque quem muito dorme, he muy preguiçoso, daqui vem que quem diz sono, diz preguiça, significada nesta herua. Plinio diz, que o Endro nasce para as cosinhas, & a preguiça para os comilões: porque como hũa pessoa dà em muito comer, pelo conseguinte he dada ao sono, à preguiça, & descuido de todas as cousas, não se lembrando mais que do seu estamago, & das horas que ha de dormir. Dos quaes diz S. Paulo: *Quorum Deus venter est.* O seu estamago he seu deos, a este adorão, & para este buscão os regalos, & bons comeres. Dos preguiçosos he proprio dormir muito, & assim os desperta Salamão, dizendo: *Usquequo piger dormies?* Preguiçoso, atéquando has de dormir? Em que ha de parar este teu sono? Que he hũa carga pesada, porq̃ tudo te faz pesado, & carregado. Dizia Cato, que a preguiça era causa de muitos males, porq̃ os preguiçosos não fazendo couza bem feita, aprendião a fazer tudo mal, dando a entender, que era a preguiça origem de todos os males. A preguiça, a froxidão, o descuido, & negligencia (diz Augustinho) são vicios que fogem a todo o trabalho, ficando lhes penoso aquelle que a todos he proveitoso. E no outro lugar diz, que por preguiça fugimos ao trabalho de que

*Mat. 23.**Luc. 11.**Philip. 3**Prov. 6.**Cato.**August.*

nos vem proveito, & interesse, & que não queiramos ser preguiçosos na obra de que esperamos paga, & galardão: *Noli piger esse in opere, cujus mercedem desideras.* Pois se desejais gloria, se salvação, não sejais descuidado em materia de

Prov. 13

vossa salvação. Mas he o que diz o Espirito Santo: *Vult, & non vult piger.* O preguiçoso quer, & não quer. Perguntai a hum peccador se quer salvação, diz que si. Dizeis lhe que para se salvar ha mister fazer penitencia, diz que não quer: *Vult, & non vult.* Quer ir ao Ceo, mas não quer os meyoys por onde se vai ao Ceo. He doente, & não quer ser saõ; padece ma-

Prov. 18

les, & com elles quer viver: *Pigrum dejicit timor.* O temor faz cobarde ao preguiçoso, diz o mesmò Espirito Santo, porque nada se dispõem a fazer com o temor que tem a tudo o q̄ tem semblante de rigor. Não jejua o preguiçoso, porque recea a fome, & a abstinencia do jejum: não se levanta cedo, porque teme o frio da manhã; não quer trabalhar, porque o assombra a asperesa do trabalho; não caminha, porque teme cançar; não navega, porque ha medo do mar. Tudo lhe põem terror, tudo o faz timido, & cobarde para não fazer cousa de proveito, que he o que nos mesmos Proverbios se diz: *Pro-*

Prov. 22

pter frigus piger arare non vult. O preguiçoso por amor do frio não quer lavrar a terra, & morre de fome. Aquelle grande

Laert.

Capitão da Grecia Themistocles dizia, que a preguiça era sepultura de hum homem vivo, porque o preguiçoso he como cousa morta no mundo, nada faz, em nada se occupa, vive como se não vivèra, he hum corpo que occupa lugar, & serve de sepultura a hũa alma viva. Donde passando Seneca

Seneca.

algũas vezes por hũa quinta, aonde hum ministro do Emperador se tinha recolhido, por fugir do tumulto da Cidade, & levar boa vida, dizia: *Hic situs est Vacua.* Aqui està sepultado Vacua, que assim se chamava o retirado da Corte. Aqui jaz sepultado o que vivendo não vive, pois querendo só viver para si, & para seu regalo, fica sendo morto para a mais gente. E ainda que he louvavel o buscar hũa pessoa o sossego da alma,

alma, & fugir a negocios, & tratos da vida; com tudo vituperava Seneca a vida deste Vacio, que por ser idiota, & muito rico, tratava só de se regalar naquelle sitio, sem cuidar de mais nada. E dizia delle: *Non vivere, sed latere*. Que aquillo não era viver, mas estar escondido, & estar sepultado, entendendo que nenhũa differença havia entre hum homem morto, & hũ que só tratava de seu descanso, & ociosidade. A este proposito dizia Catão, que o homem que não procurava fazer sempre algũa cousa boa, não devia chamar-se homem. E que de tres cousas tinha pezar: a primeira, de ter descoberto algum segredo a sua mulher: a segunda, de ter navegado por mar o que pudéra andar por terra: a terceira, de algum dia que por preguiça deixára de fazer algũa boa cousa.

Cat. Sen.

Consideração segunda.

CHama S. João Chrysofomo à preguiça ferrugem da alma, que lhe gasta o resplendor, & viveza, como a ferrugem gasta o lustre da espada, & do metal bornido. O exercicio das tribulações não deixa criar esta ferrugem, porque estas dão muita viveza, & proveito à alma, & a fazem apta para todos os bens. Ver como este Santo Doutor pinta a hũ preguiçoso. Nasce o Sol, diz elle, descobre seus fermosos rayos, desperta a todos para o trabalho. Sahe o lavrador a entender com sua lavoura, o hortelão com sua horta, todos os officiaes com suas artes mecanicas; só o preguiçoso se deixa estar, dorme toda a noite, dorme toda a manhã, & quando se levanta he para comer, & encher o estamago, cousa propria de bruto, tratar logo pela manhã de se fartar. Levanta-se este, quando já os outros estão cançados de trabalhar, apparece: *Nihil habens hominis*. Tendo nenhũa ccusa de homem, & muitas de animal, que na humana fórma se deixaõ ver. Apparece, & sentando-se, faz, ou ordena cousas, que melhor lhe fora estar dormindo, que vigiar, porque só vigia para comer,

Chryf.

Herod.

Diodor.

August.

Prov. 31

Rom. 12.

Sap. 3.

Chryf.

& fartar-se. No demais, se lhe dizem que ha trabalhos no mudo, não se lhe dà disso; se lhe contaõ misérias de outrem, não se compadece dellas; se guerras, se dissensões, não se cança cõ isso. Assim vive, assim passa, assim morre como besta: *Cinis, & pulvis fit.* Resolve-se em terra, & põ. Achavão os Antigos, que era tão prejudicial esta sorte de gente ociosa na Republica, que entre as leys notaveis de Dacro havia hũa, em que se mandava, que aquelles que fossem julgados por ociosos, morressem morte natural. E dos Egyptcios escreve Diodoro, que tinham ley, que obrigava irem todos em certos tempos apparecer diante dos Governadores das Cidades, & fazer certo officio que tinham, & de que se sustentavão; & se achavão que alguns mentião, ou erão ociosos, passavão pela mesma pena de Dacro. Tambem era notavel hũa ley de Solon, em q mandava, que nenhum filho tivesse obrigação de sustentar o pay velho, nem de o soccorrer em suas misérias, do qual não aprendeo algũa arte proveitosa para remedio da vida. Santo Augustinho diz, que na casa do sabio não ha preguiçoso algũ: *Nullus est piger in domo sapientis*, porque o homem sabio, que bem se entende, trata que todos em sua casa se occupem, & ninguém esteja ocioso. Por isso o Espirito Santo louva tanto aquella mulher, que era tão diligente em se occupar bem, & fazer trabalhar a gente de sua casa, sem comer o pão ociosa: *Panem otiosa non comedit.* Sendo neste tempo raras as q imitem os costumes desta forte mulher. Pois sejamos todos como o Apostolo S. Paulo nos aconselha q sejamos: *Solicitudine non pigri.* Não preguiçosos, & descuidados na solicidãõ q nos importa ter, principalmẽte nas cousas de nossa salvaçãõ, não nos descuidemos della, vigiemos, & trabalhemos, porque dos nossos bons trabalhos se segue fructo glorioso. Se nisto nos descuidamos, tudo o q fisermos de mal, à nossa preguiça se ha de pôr a culpa, como diz Chrysofostomo: *Constat pigritiæ nostræ quidquid perperã facimus ascribendũ.* A nossa preguiça se ha de lançar tudo o q fazemos mal, & deixamos fazer de bem.

Cominhos.

Cominhos.

Pragas, Maldições.

Consideração primeira.

OS Cominhos não tiveram estimação com os homens, pois com falar delles o Salvador do mundo, nomeando-os por sua bocca a certo proposito, não bastou isso para terem bom significado. E seria porque de tempo antigo procedia o significar Cominhos pragas, maldições, ignomias, & todas as mais execrações com que se roga mal aos homens. Assim diz Plutarco, que quando se semeavão os Cominhos, costumavão lançar-nos na terra com lhes dizerem muitas pragas, & maldições, que nunca elles nascessem, nem crescessem, &c. E que quanto estas pragas erão mayores, tanto mais crescião os Cominhos, & davão fructo. Daqui se derivou hum proverbio que diz: *Serere cuminum*, semear Cominhos, que queria dizer praguejar, & amaldiçoar. E dizião isto da pessoa praguejadora, & de mà lingua, que semeava Cominhos, quando pela bocca lançava pragas, & maldições.

Tambem pelos Cominhos erão significados os homens baixos, & viz; pelo que quando querião zombar de algum, chamavão-lhe: *Cumini sator*, semeador de Cominhos, dando a entender, que era tão baixo, & vil, que se occupava em semear Cominhos, fazenda vil, & de pouco momento, de q̄ se póde tirar pouco proveito; mas o avarento ainda nisso cuida que o póde ter. De gente baixa, & de vil trato, se costuma dizer, que vende Cominhos. Porém o commum significado delles, he o de maldições. Estas forão sempre reprovadas de Deos, & assim o saõ em a divina Escrittura, dizendo S. Paulo, *1. Cor. 6.* que aquelles que lanção maldições, não possuirão o Reyno de Deos. E em outro lugar admoesta, que ninguem as diga: *Benedicite, & nolite maledicere.* Rogai bens aos proximos,

&

Gregor.

& não os queirais amaldiçoar. As pragas que se lanção com inadvertencia, diz S. Gregorio, que não deixarão de ter severo castigo: porque se de hũa palavra ociosa ha Deos de pedir estreita conta, quanto mais das pragas, & maldições, ainda q̄

Ier. 20.

Iob 3.

repentinhas, & não pensadas. Na sagrada Escrittura parece q̄ muitos Santos, & Profetas rogão pragas, como Jeremias diz, que maldito seja o homem que levou a nova a seu pay, que ti-

Gregor.

nha hum filho; & assim as roga Job, & David em muitos lugares. Mas como diz S. Gregorio em os Moraes, debaixo destas palavras que parecem maldições, se entendem outras cousas mysteriosas. Quanto mais que (como elle diz) ha tres modos de maldições. Hũas de justiça, como a que Deos lan-

Gen. 2.

çou a Adão porque peccou: *Maledicta terra in opere tuo.* A terra em o teu trabalho seja maldita, porque peccaste. Outras se chamão maldições em juizo de justiça, como quando

Gen. 12.

Deos disse a Abrahão: *Maledicam maledicentibus te.* Amaldiçoarei a quem te amaldiçoar. Estes dous modos só a Deos pertencem. E o terceiro a ninguem, porque esse he quando se lanção maldições com desejo de vingança, & com dõr, & payxão de algum aggravo recebido, do qual diz S. Paulo, que a ninguem que iramos amaldiçoar, porque os taes: *Regnum Dei non possidebunt.* E o Apostolo S. Pedro diz, que

1. Cor. 6.

1. Pet. 3.

Lactan.

não demos mal por mal: *Nec maledictum pro maledicto.* Nem maldição. Aonde Lactancio diz, que havemos de responder com bemdizer a quem nos maldiz: *Maledicenti benedictio respondeat.* Nunca nõs sejamos os que lancemos maldição, nem de nossa bocca proceda palavra que escandalize, nem por nossa culpa façamos o inimigo, se queremos ter a Deos por amigo, que elle sabe ser de quem de veras o quer ser seu.

Coentro.

Esquecimento.

Consideração primeira.

NO capitulo de assis do Exodo, & no onzeno dos Numeros se fala de Coentro, que em Latim se chama *Coriandrum*, & em Hespanhol Culantro. A respeito da se nos dar noticia de que feição era o Mânà, que do Ceo chovia aos filhos de Israel, quando caminhavaõ pelo deserto, dizendo a divina Escriitura, que era como semente alva de Coentro: *Erat quasi semen coriandri album*. E no sabor se parecia cõ certo manjar que se usava naquelle povo, de mel, & farinha. He esta ortaliga muito conhecida, por servir commummente em concertos, & adubios de diversos manjares. Da significação que tem, se pôde colligir seus effeitos, & propriedades. Quem diz Coentro, diz esquecimento, & tambem pudéra dizer pafmo, desvario, & morte, porque tudo pôde significar a malignidade desta ortaliga, da qual diz Dioscorides, que comida em quantidade perturba gravemente o cerebro, & causa grande detrimento ao juizo. E que bebido o sumo delle, tira logo a fala, & faz esquecer, & delirar a pessoa, até que por fim mata. Como quer que o esquecimento procede de lesão da cabeça, à qual acomete logo a virtude nociva desta herba, com razão se lhe attribuhio o significado do esquecimento q̃ ella causa. Porem vindo agora ao que deste significado se pôde dizer, he de saber, que o esquecimento he pay da ingratição; porque como na pessoa ha esquecerse da obrigação que tem, logo ha ser ingrata, & desconhecida ao que deve; nem ha cousa na vida que mais depressa esqueça, que a merce recebida. Perguntarão a Diogenes, qual era a cousa que mais depressa envelhecia? E respondeo, que o bem recebido; porque não se pôde dizer quaõ grande seja o esquecimento, que
muitos

Ex. 16.
Num. 11.

Dioscor.

Stobæus.

Cicero.

muitos tem das merces que recebem. Por isso avisadamente dizia Cicero, que se não podião fazer merces a meninos nem a velhos; porque os velhos, ou se esqueciaõ com os achaques da velhice, ou morrião sem as agradecer; & os meninos, nem as sabião estimar, nem conhecer, & por isso menos as sabião gratificar; & porque em fim velhos, & meninos andão em o mesmo grao. Seneca contando os diversos graos que ha de ingratições, diz que o mayor de todos he aquelle que se esquece. Ingrato he (diz elle) o que nega ter recebido bem, que outrem lhe fez. Ingrato o que dissimula: ingrato o que não corresponde bem: ingratisimo de todos o que se esquece: *Ingratissimus omnium qui obliviscitur*. Dã elle em razão, que todos os mais ingratos, com facilidade pôdem vir a ser gratos, & conhecidos; porém o que se esquece do que recebeo, já mais pôde ser agradecido, pois perdeo a memoria, & cahio no esquecimento. Diz S. Bernardo, que o mandar Christo nosso bem recolher os sobejos das mesas no convite que deu no deserto, para que se não perdessem, foi darnos a entender, que nem de minimas merces nos deviamos esquecer, mas estimar tanto as pequenas, como as grandes: *Iube-*

Seneca.

mur colligere fragmenta, ne pereant, idest, nec minima beneficia oblivisci. Somos mandado s recolher da mesa os pedaços de paõ, porque nem de mininas merces ha de haver esquecimento; todas se devem ter em muita estima. Considerai Christão (diz este Santo) o que de continuo se vos põem diante, & as merces que o Ceo vos offerece, para que os dões de Deos não fiquem sem devidos agradecimentos, ou sejam grandes, ou mediocres, ou pequenos, hús, & outros se devem gratificar, & conhecer. Não fiquem merces de Deos frustradas de gratificações, de qualquer sorte que sejaõ, se devem agradecer, que são merces do Altissimo, feitas a quem per si nada merece.

Ioan.6.

Mat.11.

Bernar.

mur colligere fragmenta, ne pereant, idest, nec minima beneficia oblivisci. Somos mandado s recolher da mesa os pedaços de paõ, porque nem de mininas merces ha de haver esquecimento; todas se devem ter em muita estima. Considerai Christão (diz este Santo) o que de continuo se vos põem diante, & as merces que o Ceo vos offerece, para que os dões de Deos não fiquem sem devidos agradecimentos, ou sejam grandes, ou mediocres, ou pequenos, hús, & outros se devem gratificar, & conhecer. Não fiquem merces de Deos frustradas de gratificações, de qualquer sorte que sejaõ, se devem agradecer, que são merces do Altissimo, feitas a quem per si nada merece.

Consideração segunda.

E Squecimento deviamos todos ter das cousas do mundo, lembrandonos só as de Deos. Na divina Escrittura pela mão direita se entendem bens do Ceo, & pela esquerda bens do mundo. O Patriarca Joseph teve dous filhos Manasses, & Efraim, Manasses quer dizer esquecimento, Efraim alma que fruttifica. Pois quando Jacob pay de Joseph houve de lançar sua benção a estes dous netos, troca as mãos, & põem a esquerda sobre Manasses, que foi pòr bens temporaes sobre esquecimento, & a mão direita sobre Efraim, que foi pòr bês do Ceo sobre quem fruttifica: porque o certo he, que como houver esquecimento de cousas da terra, logo crescerão as do Ceo em Efraim, que fruttifica para elle. Bens da vida haõ-se de pòr em esquecimento, como mão esquerda de Jacob sobre Manasses. Bens do Ceo em pretensão de merecimentos, como mão direita de Jacob sobre Efraim, que trata dar fructo celestial. Acerca de Manasses, que quer dizer esquecimento, he de notar, que ao passar do rio Jordão para a terra de Promissão, parte do Tribu de Manasses passou da outra banda, parte se deixou ficar dàquem do rio, contente da terra em que achavaõ bom pasto para seus gados; huns se esquecerão da terra que tinham presente, por alcançarem a da Promissão, que era melhor; outros se esquecerão desta que podiaõ tam-bem possuir, por se ficarem contentes com a que tinham dàquem do rio, respeitando só a presentes bonanças, figura dos que nesta vida se contentão com bens presentes, esquecendo-se dos vindouros da celestial terra da Promissão; mas outros lembrados só desta celestial, se esquecem da que fica à quem do Jordão; esquecem-se de bens desta vida, por desejarem adquirir a eterna. Este pensamento he de S. Bernardo, o qual diz: *Uterque Manasses, uterque obliviosus, sed alter quidem Hierusalem, alter Babylonis oblitus.* Huns, & outros

Gen. 46.

Gen. 48.

Num. 32.

Bernar.

crão

erão do Tribu de Manasses, huns, & outros esquecidos, huns da soberana Cidade de Jerusaleem, outros de Babylonia. Estes deixarão Babylonia, lembrados de Jerusaleem, aquelles esquecerão de Jerusaleem por se lembrarem de Babylonia. Pois saiba o mundo, que Deos não se deixa ver, nem gozar, senão de tres sortes de gente, significada naquelle verso do Psalmo

Psal. 79. setenta & nove: *Appare coram Ephraim, Benjamin, & Manasse.* Aonde David falando com Deos, lhe diz: Bem he Senhor que appareçais, & vos deixeis ver de Efraim, que são aquelles que fruttificação para o Ceo; & dos que são filhos da mão direita; como Benjamin o significa, & dos que esquecendo-se do que fica atras, passam dalem do Jordão, como Manasses; por isso *Appare coram Ephraim, Benjamin, &*

Chrysf. *Manasse.* Diz S. Chrysoftomo, que o esquecimento do mundo causa fermosura na alma; porque tanto que hũa pessoa dà em se esquecer das vaidades da vida, logo sua alma se torna tão bella, & fermosa, que folga Deos de olhar para ella: *Audi filia, & vide,* diz o Espirito Santo por David: Ouvi alma, vede, & escutai, & esqueceivos do vosso povo, & da casa de vosso pay: *Obliviscere populum tuum, & domum patris tui.*

Porque como houver esquecerdesvos destas cousas, desejará o Celestial Rey olhar para a fermosura de vosso rosto. Olhai (diz Chrysoftomo) como o esquecimento da alma causa admiravel fermosura: *Oblivio animæ facit pulchritudinẽ:*

Quæ tamen oblivio? Peccatorum. Se o esquecimento causa belleza na alma, que esquecimento he este? Dos peccados por certo, dos quaes nem nos deviamos lembrar para os cometer, nem nomear para lhe saber o nome, como dizia Da-

Psal. 15. *vid: Nec memor ero nominum eorum per labia mea.* Tão longe estou de commetter peccados, & tão esquecido de offender a Deos, que nem o nome de peccados me vem à imaginação para falar nelles, nem lembranças para os nomear; o que he grande virtude, não somente não fazer peccados, mas nem virem à memoria; porque da lembrança delles se vem
a buscar

a buscar razões para os commetter, & das razões procedem as palavras, que logo apoz a imaginação vem, & apoz as palavras obras: *Vide quot nobis vias obstruxit Deus, quantis nos intervallis elongavit.* Olhai (diz Chrystomo) quantos modos buscou Deus para nos impedir os caminhos da maldade, que intervallos poz entre o peccado.

Consideração terceira.

EM Deus não cabe esquecimento, nem se póde dizer del-
le que se esquece de algũa cousa; & com tudo dizemos muitas vezes, que Deus se esquece de peccadores, que he o mesmo que não os conhecer; porque não está bem com elles. E quando alguns entendem que Deus se esquece delles, & sentem seu esquecimento, he bom sinal; como o era em David, quando queixoso dizia: *Usquequo Domine oblivisceris me in finem?* Que não he tão pequeno bem sentir o esquecimento de Deus, que he o mesmo que desamparallo Deus por algum tempo. Porque ha muitos que entendem q̄ Deus se tem esquecido delles, & nem o sentem, nem o chorão, nem sabem dizer com David: Até quando Senhor vos haveis de esquecer de mim? Quem se alegra, quando entende que Deus se lembra d'elle, esse se magoa quando experimenta que Deus se esquece d'elle; & esse tal sabe discernir esquecimento, & memoria em Deus, segundo este nosso modo de falar. Muitos quando se vem em bonanças, & prosperidades, & que apoz huns bens lhes vão succedendo outros bens, cuidão que entãõ se lembra Deus delles, & por isso nem alcançaõ quando Deus se esquece delles; porque se não entendem o sinal da memoria de Deus, menos entendem o de seu esquecimento. E se não tem noticia de sua amisade, menos a tem de sua inimidade: porque muitas vezes se esquece Deus de alguns que possuem, & tem muitas coulas; & muitas vezes se lembra de outros que padecem males, & adversidades. E nenhũa cousa faz
mais

mais lembrar-se Deos de alguém, que os bons intêtos, & obras de virtude, que vê em alguns, como nenhũa cousa he causa de se Deos esquecer de muitos, como ver a muitos em peccados, & vicios, de que não se acabaõ de despedir. Grande he o esquecimento dos homens para com Deos. E mais digno de reprehensãõ, & castigo, o que alguns tem quando deviaõ lembrar-se mais das misericordias que Deos usa cõ elles. Ver a muitos sair da Igreja, & levantar-se dos pés do Confessor com as lagrymas nos olhos, & protestos de não tornar mais ao peccado. Vem outros da Mesa do Altar, aonde receberãõ o divinissimó Sacramêto com muita devoçãõ das mãos do Sacerdote, & quando se deviaõ mostrar agradecidos a taõ grandes merces, depressa o tornaõ a offender de novo, depressa se esquecem da obrigaçãõ que tinhaõ de o servir, & amarem muito. Tratando David das grandes merces, q̃ Deos fiserã aos Israelitas, quando os tirou do poder de Faraõ com mão poderosa, & do pouco q̃ lhes durou a memoria de cousas taõ estranhas, & espantosas, diz que em saindo do mar Roxo, aonde lhes fez caminho a pé enxuto, o louvãõ com musicas, & instrumentos alegres, mas que taõ depressa o louvãõ, como depressa se esquecerãõ delle: *Citò fecerunt, oblitì sunt operum ejus.* Se se apressãõ a lhe dar graças devidas, tambem se apressãõ para se esquecerem de quanto tinhaõ recebido. Estava Moyses no monte Sinay recebendo a Ley da mão de Deos, & o povo ao pé do monte idolatrando, & adorando hum beferro de ouro. Nunca se vio povo, nẽ multidãõ de tanta gente taõ confôrme, & unida para taõ grande cegueira. O imaginar nisto foi depressa, o dar os pendentés, & braceletes de ouro depressa, o forjar o beferro depressa, o solennizar a festa apressada, apressada a adoraçãõ, & tudo disse David em hũa palavra: *Citò fecerunt.* Ou como diz o Exodo: *Recesserunt.* Depressa se afastãõ, depressa se esquecerãõ. Como o mesmo Profeta diz em outro lugar: *Non fuerunt memores multitudinis misericordiae tuae.* Grande foi

Pf. 105.

Ex. 32.

Pf. 105.

Senhor

Senhor a ingratitude deste povo, grande sua maldade, que quando lhes fizestes merces soberanissimas, entao se nao se u-beraõ lembrar da multidão de vossas misericordias. E isto se póde dizer por muitos, que se algum tempo tiveraõ lem-brança de agradecer merces, que Deos lhes fez, & por isso o começavão a servir, & amar fielmente, de pressa se esque-cerão desta obrigação. Aos quaes està S. Paulo dizendo: *Miror quòd sic tã citò transferimini ab eo qui vos vocavit.* Não sabeis como ando attonito, & admirado de ver, que tão cedo, & tão de pressa vos afastais daquelle Deos, & Se-nhor, que vos chamou, & trouxe a si com tão divinas voca-ções: *Currebatis benè, quis vos impedit?* Se corrieis cõ tanta ligeireza pelo caminho da verdade, se hieis avante, & aproveitaveis tanto na perfeição Evangelica, quem vos im-pedio tão de pressa o caminho? Quem vos detem o passo? Quem vos engana? Quem vos diverte? *Si sic futurum erat, quid necesse fuit concipere?* Dizia Rebecca, vendo-se em perigo antes do tempo de seu parto. Se eu me havia de ver neste perigo de não vir a luz com a geração que pedi a Deos, para que me cancei em lhe fazer tantas petições, que me desse filhos? Assim podem dizer muitas almas, que começam bem, & logo desistem das boas obras. Se nisto havia de parar meu fervor, para que comecei tão a fervorado? Se nisto havia de vir a dar minha devoção, que me montou o ser devoto?

Galat. 1.

Galat. 5.

Junco.

Fingimento, hypocrisia.

Consideração primeira.

O Junco he figura do fingimento, & hypocrisia, o que delicadamente declara S. Gregorio nos Moraes, além de constar assim da divina Escrittura, aonde dizendo-se no oitavo livro de Job: *Nunquid virere potest scirpus absque*

Gregor.

Job 8.

Dd

humore?

418 *FUNCO. FINGIMENTO, HYPOCRISIA.*

humore. Por ventura pôde o junco reverdecer sem humor da terra? diz logo abaixo o por quem entende isto: *Et spes hypocrita peribit.* A esperança do hypocrita perecerá: porque elle, & toda a pessoa fingida he comparada ao junco. E que outra couza (diz S. Gregorio) se pôde entender pelo junco, senão a hypocrisia, & qualquer homem fingido, porque o junco tem apparencia de verdura, mas nenhum fructo dà; por fóra he verde, & por dentro vão. Tal he o homem fingido, tal o hypocrita, apparencias tem de virtudes, & boas obras, mas não passa dahi, bem parece por de fóra, & por dentro vazio está de todo o bem. Verdura tem, mas he estéril de fructo, como o junco; porque busca gloria sua, & não a de Deos. Os juncos quanto mais crescem para cima, mais parece que se vão armando contra o Ceo com suas agudas pontas; os hypocritas quanto mais se levantão com o louvor do mundo, mais se ensoberbecem, & armão contra Deos, porque aquillo que os houvera de obrigar a ser humildes, he augmento de sua condemnação. Humor tem como o junco, porque tem auxilios do Ceo como os mais, & por permissão divina chegão a obrar bem, lançando demonios da gente, & tendo dom de profecia, outros fazendo, outros convertendo almas a Deos. O que tudo he ter humor, & ser regado com as agoas do Ceo; mas tomão esta verdura dada pelo Ceo, tomão estas boas obras, & convertem-nas em uso de proprio louvor. Com ellas se levantão contra Deos, como junco contra o Ceo: *In aqua quidem virides, sed tamen inanes crescunt.* Verdes estão na agoa, bem parecem, & boas mostras dão, mas por dentro estão vazios.

Consideração segunda.

Job 8.

O Junco diz Job: *Cum adhuc sit in flore, nec carpatur manu, ante omnes herbas arefcit.* O junco estando ainda em flor, antes que o colhão, secca primeiro que as outras

outras hervas. O junco na flor he o hypocrita no sentimento, secca-se este primeiro que as outras hervas; porque todos os justos são tambem hervas, segundo a carne, como diz Isaias: *Omnis caro fœnum*. Tambem os Justos hão de deixar de ser, pois são mortaes, & são feno, & terra. Mas os hypocritas seccão antes que as outras hervas; porque os escolhidos permanecem até a morte na estabilidade de sua verdura, conservão-se em as suas boas obras, & as dos hypocritas descobrem-se antes que morrão, seccão, & deixão de ser, porque quer Deos que se descubra a sua malicia. E se tambem os Justos como hervas que são, seccão, he verdade, que como são mortaes, com a vida acabão as suas obras, com que de novo renascem para Deos. E os hypocritas antes da morte, mostrão a falsidade dellas. E delles se entende o que David diz: *Fiant sicut fœnum tectorum, quod priusquam evellatur, exaruit*. Seão feitos como o feno, que nasce em os telhados, o qual porque não tem aonde lance raizes, antes que o arranquem se secca.

Isai. 40.

Pf. 128.

O junco não esconde raizes na terra, porque quasi não as tem. Nenhũas raizes tem o hypocrita na virtude, nem encobre na terra as obras que faz, porque não pretende mais que mostrallas ao mundo. E então as mostra, quando se mortifica, jejua, reza, he paciente, casto, & penitente; debaixo disso he lobo, que despedaça, & tem vicios enormes, que antes de tempo permite o Ceo que se descubrao, & manifestem ao mundo, por isso *Priusquam evellatur exaruit*. Seccão estas suas obras antes que a morte os leve: *Nemo potest personam diu ferre fictam*, diz Seneca, ninguém por muito tempo pôde representar fingida pessoa, & porque o hypocrita sendo maligno, quer representar figura de bom, não o pôde fazer por tanto tempo, que se não entenda seu fingimento: *Ficta citò in naturam suam transeunt*, diz elle. As cousas fingidas de pressa tornaõ ao seu natural, se o lobo se quer fingir ovelha, de pressa ha de tornar à sua natureza de lobo,

Pf. 128.

Seneca.

Plato.

bo, & ha de mostrar que o he. E ali não ha mayor perversidade, como diz Platao: *Cum omni iustitia vaces ad id niti, ut bonus esse videaris.* Quando totalmente careceis de toda a virtude, trabalhades por parecerdes santo, & virtuoso, he o

Pub. Mi.

extremo de toda a maldade, como dizia outro Filosofo: *Malus ubi bonum se esse simulat, tunc est pessimus.* Aonde o maligno se finge que he bom, então he maligno, & não pôde

Apoc. 17

sua maldade chegar a mais. Aquella mulher do Apocalypse, que estava ricamente vestida, & cuberta de ouro, & pedras preciosas, com hum calix de ouro na mão, he figura da hypocrisia, que se veste de apparencias de virtude, bom exemplo, & boas obras, tudo nella parecem pedras preciosas; outro mostra nas mãos, que são obras que faz; porém aquelle calix, que a mulher tinha de ouro, por dentro: *Plenum erat*

1827

abominationibus, & immunditia. Estava cheyo de abominações, & immundicias. Os hypocritas por fóra parecem

puros, & limpos como ouro, & resplandecem em virtudes como ouro finissimo, mas por dentro tudo nelles são abomi-

nações; fingem castidade, & encobrem torpezas, mostram humildade, & escondem soberba; fazemse abstinentes, & em

segredo são dados à gula. Por isso levava aquella mulher na

testa hum rotulo que dizia: *Mysterium.* Aqui tudo he mysterio, tudo segredo. Porque aonde ha fingir, & enganar, ha

segredos que os homens devem saber advertir. Aonde Santo

August. 1

Augustinho diz: *Nulla est superstitio, quae fronte det signum, nisi hypocrisis.* Não ha superstição, nem maldade que mais

traga no rosto o sobrescritto de quem he, que a hypocrisia.

Matt. 7.

Facil he de conhecer: *A fructibus eorum cognoscetis eos,* diz Christo nosso bem, pelos fruttos que fazem, os podeis co-

nhecer.

do

Açafrão.

Paciencia.

Consideração primeira.

T Ambem o Açafrão he planta duas vezes referida na divina Escriptura, debaixo deste nome *Crocus*, hũa das que o Esposo Divino aponta haver de estar no jardim da Alma Santa: *Emissiones tuæ paradysus*, &c. *Nardus*, & *crocus*. O vocabulo per si he Grego, & como na Grecia tiverão principio todas as fabulas, hũa dellas foi, que hum mancebo chamado *Crocus*, depois de grandes excessos de amor se veio a converter nesta planta, de cujas flores nasce o Açafrão. A Glossa ordinaria sobre o lugar referido dos Cantares diz, que por esta planta, que tem as flores de cõr dourada, se entendem as almas dotadas de sabedoria divina. E Santo Thomàs em os Commentarios quer que por ella se entenda a Caridade. E Theodoretto, considerando que o Açafrão tem igual força entre quentura, & frialdade, sem extremo de hũa, ou outra cousa, he de parecer, que por elle seja significada a justiça que entre brandura, & rigor segue hum meyo conveniente, sem excessõ de muita clemencia, ou sobeja severidade. Filo Carpathio diz, que o Açafrão he de excellente cheiro, & que suas flores são perfêitissimamente purpureas, das quaes pendem huns fios roxos, fortalecidos de todas as partes, & porque são de muito proveito para varios medicamentos, & composição de manjares. Tem o Açafrão lugar entre as plantas aromaticas. Tem particular virtude de alegrar, & confortar o coração, tira o fastio, & dà cõr graciosa a tudo o que o applicão. Plinio diz delle muitos louvores, & hũ que faz a proposito da propria significação que tem, he que o Açafrão estando ainda em herva, folga que o pizem, & trilhem aos pés, & quanto mais trilhado, & mortificado he,

Cant. 4.

Ovid.

D. Tho.

Theod.

Philo.

Plinius.

Dd iij

cresce

crece com mais vigor, & fertilidade; pelo que o que se semea junto das estradas, he mais viçoso, porque he mais pisado, de forte, que com o peyor tratamento cresce, & fertiliza mais: *Gaudet calcari, & conteri pede, pererundoque meliùs provenit*, diz Plinio, que quer dizer o que acima fica dito.

Apon.

Aponio diz, que o Açafrão refrigera as febres ardentes, & por estes, & outros effeitos, que nelle considerarão alguns Padres, & Doutores sagrados, quizerão que por elle se significasse o sofrimento, & paciencia: porque quando hũa pessoa sendo maltratada, & afrontada, sofre injurias, & roim tratamento, cresce por ahi a grande perfeição, & folga com os motivos da paciencia, folga que a afrontem, & lhe dem em que padecer, como Açafrão: *Gaudet calcari, & conteri pede*.

Act. 5.

Assim lemos, que quando os Apostolos erão mais perseguidos, & maltratados, hião contentes, & alegres à vista dos Presidentes, porque erão tidos por merecedores de sofrer afrontas pelo nome de Jesu; não havendo mayor gosto, que sofrer por elle, nem mayor consolação, que padecer por seu amor. Cresce aquella planta com a maltratarem, cresce a paciencia com a atribularem, & a tribulação he a que approva,

Rom. 5.

& experimenta seus quilates, como diz S. Paulo, que a tribulação tras paciencia, & a paciencia he prova da esperança, q̄ não confunde; porque quando as adversidades vem hũas a poz outras, & o homem nellas permanece forte, & constante, bem provado fica na paciencia, como diz S. Chrysothomo. Cresce com as afrontas a paciencia a grande perfeição, com as enfermidades, & angustias, como dizia o mesmo S.

Chryf.

1. Cor. 12

Paulo, que se contentava muito com padecer enfermidades, necessidades, & amarguras, porque então: *Cum infirmor, fortior sum*. Então sou mais forte, porque a minha fortaleza consiste na minha oppressão; & o caso he, que opprimo, não

2. Cor. 12

sou opprimido, porque o Senhor me tem dito: *Virtus in infirmitate perficitur*. A virtude na enfermidade se aperfeiçoa, & esta virtude he a fortaleza da paciencia; dizendo Salomão:

mão:

mão: *Melior est patiens viro forti.* Melhor he o Varão que sofre, que o muito esforçado, & quer isto dizer, que ainda que a pessoa espiritualmente seja forte em obrar bem, comparando-se com o sofredor, fica seu inferior, porque quẽ por amor de Deos sabe sofrer, mais faz do que aquelle que por amor d'elle faz obras de misericordia, & ainda que em as fazer seja forte, mais forte he quem sofre por seu amor; por isso *Melior est patiens viro forti.* E ainda que a qualquer obra de misericordia se conceda Reyno do Ceo, mais seguro o tem quem he paciente, & sofredor, porque estes são os fortes, & valentes, que o conquistão, & alcanção à força do braço, dos quaes disse Christo: *Regnum Cælorum vim patitur, & fortes rapiunt illud.* Estes fortes são os sofredores, que como torres, & castellos fortissimos, resistem aos ventos das mayores tribulações. Por isto disse Christo a seus Discipulos, que na sua paciencia possuirião suas almas: porque como diz S. Gregorio, quem possui paciencia, possui sua alma, & isto que he possuir a alma, he ter fortaleza para sujeitar movimentos da mesma alma com o imperio da virtude da paciencia. Pois logo quem não sabe sofrer, & ter paciencia, testemunho dà de si mesmo, que não he forte, nem perfeito, nem possuidor de sua alma. Por isto diz o mesmo Santo, que a paciência he guarda de nossa condição. Fez-nos Deos de modo, que a razão possuísse a alma, & a alma possuísse o corpo; mas então não tem a alma posse do corpo, quando a razão não tem primeiro posse da alma; pois seja a paciencia guarda de nossa condição, porque com ella possuiremos a nós mesmos; & então nos começamos a dominar quando começamos a possuir o que somos: *Dum nobis dominamur, incipimus possidere quod sumus.* E então deixamos de ter dominio em nós, quando nos deixamos possuir da impaciencia; porque esta quando se mostra, furiosamente sujeita tudo. Pelo que disse Salamão: *Totum spiritum suum profert stultus; sapiens differt, & reservat in posterum.* No que dà a entender, que o nescio

Prov. 16

Luc. 21.

Gregor.

Gregor.

Prov. 26

quando se agasta, vem a luz com todo seu espirito de impaciencia, & descomposição da alma; mas o sabio dissimula, sofre, & dilata o espirito para mais tempo, porque offendido não def-ja vingarse no presente tempo, antes perdoa; & com tudo sabe muy bem, que cousas mal feitas justamente se castigão na outra vida, para então reserva a vingança: *Reservat in posterum*. Tudo deixa, & põem nas mãos de Deos.

Ha pessoas que não possuem a alma deste modo que Deos diz, por paciencia, porque em lhes succedendo cousas adversas, perdendo a paciencia, rompem em grandes iras, & indignações: *Feras, non culpes quod mutari non potest*, diz Seneca. Sofrei, & não cuspeis o que se não pôde mudar depois que succedeo. Tenha o sofrimento imperio no coração, & sem queixa paguemos tributo à humanidade. Se he Inverno, ha de fazer frio; se he Estio, ha de fazer calma. Intemperanças do ar hão de causar doenças. Vem as chuvas quando não as queremos, as nevoas quando nos fazem mal. Este nos faz a agoa, este nos faz o fogo: *Hanc rerum conditionem mutare non possumus*. Não podemos mudar a ordem destas cousas, sofri-as, & não as culpeis, que assim como a natureza as ordena, tambem as tempéra com mudanças: às tormentas succedem serenidades, a poz a noite se segue o dia, aquietão se os mares depois que se turbão, os ventos deixão de assoprar; hũa parte do Ceo se vai levantando, & outra escondendo. Conformemnos com tudo, & não tomemos molestia com o que na vida succede. Não ha que espantar de chegarem males a nós, que sempre andão apar de nós; quem navega sempre teme tempestade, & raro he o que havendo de navegar, não cuida no que pôde succeder.

Consideração segunda.

Bernar. **D**iz S. Bernardo, que a paciencia he manjar excellente: *Bonus cibus est patientia*. Deste nos deyemos susten-
tar

tar toda a vida, porque ou nesta, ou na outra havemos de sofrer; a quem a presente não for de paciencia, a vindoura será de ira, o que nesta sofremos, peccados nossos o merecem; & diz S. Gregorio, que menos padecemos do que merecemos; Gregor. pelo que aconselha, que no tempo do sofrimento levantemos a esperança ao Ceo, para que tanto mais alto suba nosso pensamento, quanto a pena nos aba te. Ninguem he perfeito, que não he paciente. E a prudencia está em sofrer com alegria, & amar de verdade o que de necessidade ha de sofrer, porque a verdadeira paciencia consiste em se amar o mesmo que se sofre, & padece. Santo Ambrosio diz, que a paciencia he o collar de ouro, que a Alma Santa tras ao pescoço: *Collum tuum sicut monilia*. Cant. 1. Porque a alma que imita a seu Deos, guardando seus preceitos, & sofrendo as tribulações, que na vida lhe não hão de faltar, he fermosa, & bella à vista desse Senhor, mostrando no rosto a fermosura da castidade, & sobre os hō-bros o rico collar da paciência, enfeites que lhe dão muita graça. He a paciencia hum sinal que Deos dà aos Justos. E este lhe pedia David, quando depois de lhe chamar Deos misericordioso, Deos paciente, & compassivo, lhe pede, que para se parecer com elle, lhe dê hum sinal para bem: *Fac mecum signum in bonum*. Porque quando seus inimigos vissem sua paciencia, ficassem confusos, entendendo que he muito ajudado de Deos, & tem sinal do mesmo Deos quem sofre sem perder ponto de paciencia: *Ut videant qui oderunt me, & confundantur, quoniam tu Domine adjuvisti me*. Psal. 85. Assim he, que os proprios demonios se confundem de ver hũa alma sofredora de trabalhos, não se espantando muito de a verem adornada de outras virtudes. E por isso se confundem, porque vem na alma do paciente hũas labaredas, & chammas de fogo que os espantão: *Lampades ignis, atque flammarum*. Cant. 8. Não se espantou Satan de ver a innocencia, de Job, o seu temor de Deos, a sua devoção, a sua justiça, & rara pobreza de espirito, só o confundia sua grande paciencia, & por isso pedia licença

licença a Deos para nella o tentar com toda a força que pudesse, para ver se o podia trazer à impaciencia. Deulha Deos, & tentou-o nella; tiroulhe a fazenda, tiroulhe os filhos, encheo-o de lepra, deu com elle em hum monturo, alli o desampararão todos, & a propria molher o amaldiçoou, sem elle em todas estas adversidades mostrar sinal de impaciência: *Lampades ejus, lampades ignis, atque flammaram.* Era seu sofrimento chammas de fogo, & chammas que espantavão o demonio, & porque erão fogo aceso: *Aquæ multæ non potuerunt extinguere charitatem.* Tantas agoas de tribulações não puderão apagar sua caridade, porque a paciencia he hum fogo que se atea mais na lenha das tribulações, acompanhando-se da caridade, que vence tudo. E assim se trabalhos, fome, sede, miserias, afrontas, & enfermidades, são materia de paciencia, he a paciencia fogo que nessa lenha se atea bem. As brazas em que este fogo se conserva, ou os remedios para a paciencia se não perder, são lembranças do Céu, para que nos lembremos, que por pouco tempo de padecer ganhemos eterno tempo de gozar a Deos; & do que somos, porq̃ nos lembremos que somos pó, & cinza, & que havemos de morrer, para não desejar vingança de quem nos aggrava. E pois somos filhos de Deos, lembremonos que elle na terra padecio, & soffreo tanto por amor de nós, que rogou pelos proprios inimigos; somos filhos, imitemos ao Pay. Estas lembranças tinha o divino Paulo, quando soffrendo trabalhos cōtinuos por Christo, dizia: *Usque in hanc horam, & esurimus, & sitimus, & nudi sumus, & colaphis cadimur.* Atégora não sei mais que padecer fomes, sedes, afrontas, necessidades, & angustias, este he o meu pão, em que me sustento, outra cousa não quero da vida, que sou nella passageiro, & vou seguindo a meu Christo; elle por aqui caminhou, por aqui me importa ir, & eu de boamente quero ir. Estas lembranças tinha o glorioso S. Bernardo, quando nas occasiões de padecer falando com Christo, dizia: *Utrumque es mihi*
Domine

Cant. 8.

I. Cor. 4.

Bernar.

Domine Iesu, & speculum patiendi, & præmium patientis.
 Hũa, & outra cousa me ficais vòs sendo, meu doce Jesu, espe-
 lho da paciencia, & premio do que padeço. Vòs ensinai mi-
 nhas mãos para a guerra com exemplo de vossa virtude. Vòs
 depois da vittoria coroaes minha cabeça com a magestade de
 vossa presença, ou porque eu vos vejo pelejar por mim, ou
 coroarme a mim, sendo vòs a mesma coroa; em hũa, & ou-
 tra cousa maravilhosamente me attrahis, & levais a vòs, quero
 ir a poz vòs, & seguir vossas pisadas.

Consideração terceira.

AS mesmas lembranças de paciencia tinha o grande Au-
 gustinho quando falando com o mesmo Christo, dizia: *August.*
Fecisti Domine de corpore tuo speculum animæ meæ. Basta
 Senhor, que fisestes de vosso corpo hum espelho, em que mi-
 nha alma se visse, & aprendesse a vos imitar. Olho para vòs, &
 vejo-vos crucificado com tanta paciencia, que nem abris a
 bocca para vos queixardes, & se a abris, he para rogardes pe-
 los mesmos que vos crucificação, & atormentaõ. Notavel espe-
 lho aonde vejo taõ divina paciencia, & a pouca que em mim
 ha para me sofrer a mim, & sofrer ao proximo, quanto mais
 de rogar por elle; mas pois me dais tal exemplo, assim o farei,
 & olhando para este espelho, me conformarei com a imagem
 que nelle vejo. Este modo de padecer, & rogar pelos perse-
 guidores, he o mayor de todos os que ha nos limites da pa-
 ciencia. Sendo o primeiro, sofrer, & dar bem por bem, o se-
 gundo não dar mal por mal, & o terceiro dar por males bens.

A paciencia he escudo que se põem diante das adversida-
 des, & remedio para toda a dõr, porque nenhũa ha que com
 o sofrimento se não tempere, & abrande. He verdade, que
 não sentir a dõr não parece que he de homem, mas não a so-
 frer, não he de Varaõ, que assim o diz Seneca: *Non sentire*
mala sua non est hominis, & non ferre non est viri. A paci-
 cia

Seneca.

Laert.

Stobæus.

Laert.

2. Cor. 4.

cia devem todos procurar ter de assento, porque sempre a hão mister, mas se a alguns importa mais ter paciencia que a outros, são os Prelados, & os que governão, porque de continuo tem occasiões de se ampararem com este escudo, sofrendo hũas cousas, & dissimulando com outras, nem ha conservar dignidades aonde falta o sofrimento. Quem este não té, não he digno de as ter. Queixando-se Chilon Lacedemonio a hum seu irmão de não ser eleyto em Presidente da Cidade como elle, respondeo: *Ego injuriam ferre novi, tu non.* Eu tenho bojo para sofrer injurias, & vòs não. Eu nas dignidades fei sofrer impertinencias, & defacatos de subditos, & vòs tendes natureza bem contraria disso. Ninguem he idoneo para governar, que não sabe dissimular, porque muitas cousas se fazem mal feitas, que se não pôdem castigar como algũs cuidão, & murmurão disso. Pyttaco dizia, que dos prudêtes Varões era acautelar que não succeda mal, & dos fortes sofrer moderadamente o que succedeo mal. E Bion Boristhenes dizia, que era grande mal, não se sofrer o mal, porque sem isto a ninguem pôde ser a vida suave: *Magnum malum est non ferre malum.* Isto fica dito acerca da paciencia, que he significada em o Açafrão, àlem de folgar de ser pisado, como diz Philo Carpathio, & Plinio, tambem depois mostra seu cheiro quando he moido, & feito em pò. E assim manifestão os Justos o cheiro de sua paciencia, quando são mortificados, & abatidos com perseguições, fazendo-se com ellas immortaes, como diz Nazianzeno, alludindo ao que S. Pedro diz: *Tribulationem patimur, sed non angustiamur.* Padecemos tribulações, mas não nos angustiamos. Verdade he, que tribulações angustiaõ, mas a nòs outros daõ ellas prazer, que temos natureza de Açafrão, que pisado, & moido tem mais fragrancia. Por isso he esta planta hũa das que estão no vergel do Esposo Divino, que he a Igreja de Deos. Porque como nella se signifique a paciencia, bem se vê que a Igreja Catholica teve no principio trabalhos, & perseguições grandissimas,

as quaes soffreo com muita constancia, & alegria, dizendo muitos Martyres, quando es atormentavaõ, que nunca tiveraõ horas, nem dias de mayor prazer: com estas tribulações creſceo a Igreja, & deu ao Ceo fructo de suavidade. O qual adquirem aquelles q̄ nesta vida ſaõ abatidos, & atribulados, dando de ſi aquelle bom cheiro de que o Apolto diz: *Christi bonus odor ſumus.* 2. Cor. 2.

Losna.

Remordimento da alma.

Consideração primeira.

A Losna he planta muitas vezes referida na ſagrada Eſcrittura por eſta palavra Absinthium, que em Hebrayco quer dizer Laanah, donde parece que ſe derivou chamar ſe Losna em Portuguez, mudadas poucas letras, conſervando ſe entre nõs o proprio vocabulo Hebreo, como ſe conſervãõ outros muitos. He eſta planta de cheiro pouco agradável, & de ſabor amargoſo, & com tudo muito proveitoſa, & medicinal para doenças, & enfermidades do corpo, como diz Plinio. Na divina Eſcrittura metaforicamente ſe ſignifica pela Losna o remordimento da consciencia depois do peccado, o qual coſtuma converter qualquer doçura de prazer illicito em amargura de cruel remordimento, como ſe alguẽ depois de comer hum favo de mel, comeſſe Losna, que he mãjar amargoſiſſimo, cõforme diz Origenes, explicãdo aquellas palavras dos Proverbios: *Favus enim diſtillans labia meretricis. Noviſſima autẽ illius amara quaſi abſinthiũ.* Aonde quer que pelo Absinthio, ſem duvida ſe entenda a amargura, inquietaçãõ, & deſaſtoſſego, que o peccado deixa depois de commettido. Acerca do que lemos em Jeremias: *Scito, & vide quã amaram eſt reliquiſſe te Dominum Deum tuũ.* Sabei, & vede peccador, vede, & experimentai quã amargosa

Plinius.

Origen.
Prov. 5.

Jerem. 4.

gosa

gosa cousa he terdes deixado a vosso Deos, & Senhor, apartando-vos delle pelo consentimento do peccado, & sentindo agora o remordimento que vos atormenta na alma, & já mais deixa de inquietar. Bem vio, & sentio esta inquietação da alma o Apostolo S. Pedro, quando depois de tres vezes ter negado a Christo, caindo na gravosa de seu delitto, saindo fóra da casa aonde o negara, chorou amargamente seu peccado: *Egressus foras fleuit amarè*. Bem experimentou isto aquella ditosa mulher, que (como S. Lucas conta) sendo primeiro: *In civitate peccatrix*, caindo na conta de seu erro, se veyo lançar aos pés do Salvador, aonde com muita amargura sua chorou seus peccados. Diz o Espirito Santo, que o coração que conhece a amargura de sua alma, nunca estrangeiro entrara de mistura em gostos seus: *Cor quod cognovit amaritudinem anime sue, in gaudio ejus non miscebitur extraneus*. O que Lyrano explicando diz, q̄ o coração daquelle q̄ depois de peccar, sente remordimento, & amargura da alma, quando se reprehender, & tiver perdaõ de sua culpa, sentirá hũ gosto, & contentamento, q̄ não sabe, nem póde sentir, o q̄ está longe, & muy remoto de fazer penitencia, o qual cõ ração se chama estrangeiro. porq̄ para com Deos he estranho o peccador, q̄ não trata de se reconciliar com elle. Pois quem poderá dizer o gosto que sentiria aquella bemaventurada mulher, quando ouvisse dizer por bocca do Salvador do mudo, q̄ seus peccados lhe erão perdoados: *Remittuntur ei peccata multa*. Neste mesmo sentido explica S. Bernardo aquellas palavras do Cantico de Isaias: *Recogitabo tibi omnes annos meos in amaritudine anime mee*. Aonde hũa alma convertida a Deos, promete de ter perpetua dor dos peccados commettidos, trazendo-os sempre na memoria para ter pesar, & arrependimento delles, & isso com grande pena, & amargura sua. O que S. Pedro fez, que em todo o processo da vida depois que negou a seu Mestre, chorou sempre o peccado que contra elle commetteo. Isto he o que o peccado traz cõsigo,

amar-

amargura da alma, & remordimento da consciencia; & se nas primeiras apparencias mostra algũa semelhança de bem, fingido interiormente esconde a peçonha de seu mal. Aquelle copo de ouro que tinha aquella mulher do Apocalypse, chamada mãy de todas as maldades, no que por fóra mostrava parecia bem; ouro finissimo, & resplandecente mostrava aos olhos, dentro tinha peçonha. Taes são as apparencias do peccado; doce, & suave parece; doçura tem de mel, mas provado mostra amargura de fel. E se o peccador não sente esta amargura, ou confessa que lhe não parece senão doçura: miseravel d'elle, pois chega a estado, que não sente o sabor das cousas, antes as julga pelo contrario do que são: *Vae Isai. 5.*
qui dicitis dulce amarum, & amarum dulce; diz Isaias. Tristes daquelles, que nos peccados achão doçura, nos vicios suavidade, & pelo contrario na virtude sentem fel, & na penitencia amargor. Quasi no mesmo sentido se toma esta plãta pela amargura com que Deos castiga a peccadores, não sómente para mostrar o rigor de sua divina Justiça, mas para faude, & remedio da alma enferma, que pela confissão, & arrependimento de seus peccados lança fóra a peçonha que dentro tem, como Absinthio, que comido causa grandes vomitos. Assim explica S. Jeronymo aquellas palavras de Jeremias: *Ecce ego, dicit Dominus, cibabo populum hunc Hieron. Jerem. 9.*
absinthio. Aonde Deos ameaça ao povo de Israel, que por peccados commettidos contra sua divina clemencia, o havia de castigar, & mandar cattivo a Babilonia, para que com a amargura dos trabalhos, & miserias que havia de padecer naquelle dilatado cattiveiro, se convertesse a elle. E o mesmo era dizer, que havia de dar a comer Losna a este miseravel povo, que ameaçallo com apertos, angustias, & afflicções, em que se havia de ver por peccados seus, até que de toração se convertesse a elle.
 E não he tão pequena merce do mesmo Deos, quando nesta vida offerece a muitos este manjar de Absinthio, que

que são tribulações, & tormentos temporaes, méinha fauda-
Luc. 23. vel para bem do peccador. Este manjar offereceo ao Ladrão,
Mat. 19. que padecendo tormentos em hũa Cruz, convertendo-se a
 Deos, pedio misericordia, & alcançou perdaõ. Assim acon-
 teceo à Cananea, que vendo-se atribulada com o tormento, q̃
 à sua filha via padecer, recorreo à clemencia, & piedade de
Mat. 9. Christo, & foi ouvida em sua petição. Assim ao Principe da
 Synagoga, que com tão grande afflicção da alma pedia vida
 para a filha morta, & alcançou que Christo lha resuscitasse.

Consideração segunda.

O Absinthio por ser amargoso, significa remordimento
 da alma, que causa penosa amargura depois do pecca-
 do commettido: *Cum cantico non bibent vinum: amara*
Isai. 24. *erit potio bibentibus illam*, diz Isaias, entendendo isto (co-
Hieron. mo quer S. Jeronymo) por aquelles a quem lembranças de
 gostos passados haõ de ser materia de graves tormentos, vin-
 do tempo em que já rindo, & folgando não bebaõ o vinho
 das alegrias, & contentamentos que tiveraõ em vida, antes
 echorando, & penando sintaõ o trago de amargura eterna,
 porque no fim da vida começaõ estes a sentir quaõ amargoso
Deut. 32 he o manjar que de antes julgavaõ por laborosissimo: *Uva*
eorum uva fellis, & botri amarissimi. As uvas que lhes
 pareciaõ doces, já lhes parecem uvas de fel, & cachos amar-
 gosissimos; o que se entende pelas delicias da vida, que na ho-
 ra da morte se convertem em fel, & manjar de amargura, &
 aquillo que de antes parecia mel, & comer de suavidade, en-
 taõ se vê claramente, que era mais amargoso que o mesmo
 fel. Pelo que he grande merce de Deos, quando em tempo
 conveniente dà a comer este Absinthio ao peccador, para que
 vomite a peçonha do peccado antes do rebate da morte. E
 he grande misericordia sua, dar a muitos nesta vida trabalhos,
 & tribulações, entendidos pela amargura desta planta;

os quaes a huns'da por mais tempo, a outros por menos, & a outros por toda a vida. Em figura do peccador diz Job a Deos *Scribis enim contra me amaritudines, & consume-* Iob 13.
ne me vis peccatis adolescentia mea. Basta Senhor, que de

propósito parece que vos pondes a escrever, & fazer contra mim provisões de perpetuas amarguras, & castigos sobre castigos, consumindo-me com os peccados de minha mocidade. Muito rigor usais comigo. Nota S. Gregorio o modo de falar da Escriptura sagrada, & diz, que Deos hũas vezes escreve amarguras, & outras vezes as diz de palavra. De palavra as diz, quando os castigos que dà, passãõ depressa, como a palavra que da bocca sahe; mas então parece que escreve amarguras, quando as dà por muito tempo, como o que por letra se escreve, e costuma durar por muito tempo. Mas então dà multidão de amarguras, quando se diz, que dà em fartura a comer Absinthio. Como diz Jeremias em figura da afflicta Jeusalém: *Replevit me amaritudinibus, inebriavit me ab-* Thren. 3.
sinthio. Encheo-me o Senhor de amarguras, & com a muita copia de Absinthio que me fez tragar, quasi que delirei, & perdi o juizo. Bem parece que contra aquelle enfermo da Piscina Probatica tinha o Senhor escrito amarguras, pois as padecia por espaço de trinta & oito annos, mas por fim o remediou, dandolhe a saude que desejava.

No oitavo capitulo do Apocalypse se diz, que cahio hũa grande estrella chamada Absinthio na terceira parte dos rios, & que convertèra todas as agoas no mesmo Absinthio: *Nomen stelle dicitur Absinthiũ, & facta est tertia pars aquarum in absinthium.* O qual lugar interpretando Santo Augustinho, diz, que essa estrella chamada Absinthio, são os doutores de falsos erros, que tomãõ as Escripturas santas, significadas pelas agoas doces, & as convertem em sentidos pestilenciaes, & peçonhentos. O mesmo diz Santo Thomàs, & Lyrano. E que os homens inficionados das heresias, & falsas Apoc. 8.
August.
D. Th.
Lyran.
feitas, espiritualmente morrem, como na realidade morrem

434 LOSNA. REMORDIMENTO DALMA.

os que bebem algum licor peçonhento. E não se admire al-
 guem de se chamarem estrellas os hereges, & dogmatistas de
 falsos erros, porque estes com a claridade da virtude que fin-
 gem, & com o resplandor da luz que enganosamente mos-
 trão, parecem estrellas a esses ignorantes, que seguem sua dia-
 bólica doutrina. E pelo muito que sabem fingir de resplan-
 dor de virtudes, & santidade, acautelou Christo nosso bem
 aos seus, dizendo: *Attendite à falsis prophetis, qui veniūt
 ad vos in vestimentis ovium.* Olhai que vos saibais guardar
 de huns enganadores, profetas falsos, & santos fingidos, que se
 vos appresentão à vista com hũa humildade, & innocencia de
 ovelhas, sendo elles pelo contrario lobos carniceiros, que se
 puderem vos comerão as entranhas. Estes pelos fruttos que
 dão, os podeis conhecer, porque logo são fruttos amargófos,
 como Absinthio são suas obras mortíferas, venenosas, & alheas
 de todo bem, & principalmente da paz, caridade, & amor fra-
 ternal. E quando estas cousas se lhes não entenderem logo no
 principio, manifestar-se-hão por fim; porque as obras que faz
 o hypocrita, o falso doutor, & finalmente as que comigo en-
 volvem peccados, mostrão por fim que são amargosas como
 a Losna: *Novissima autem amara quasi absinthium.* A estes
 taes parece que está Deus ameaçando por Amos, quando diz:
*Qui convertitis in absinthium judicium, & justitiam in ter-
 ra relinquitis.* Sois tão perversos, que converteis o juizo em
 Losna, converteis a verdade em mentira, a virtude em vicio,
 a suavidade da Escrittura em amargura de falsos erros, & dei-
 xais o que he justo, & conveniente que sigais; grande castigo
 se vos guarda, penas eternas vos ficão esperando. Por todas
 estas razões fica claro que pela Losna se entendem os signifi-
 cados que ficão dittos, amargura, & remordimento da alma,
 tão manifestos na divina Escrittura, & confirmação de Dou-
 tores Theologos.

Aypo.

Pranto.

Consideração primeira.

Conveniente cousa he, que apoz a Lofna se trate do Aypo, como o Pranto anda junto a amarguras, & remordimentos das almas. Esta planta por triste, & funebre foi antiguamente dedicada às ezequias funeraes, como significadora do Pranto que com ellas assiste. Por isso a alstravaõ com Aypo o lugar aonde havião de pòr qualquer corpo defunto; com este cobrião as sepulturas, & delle adornavão os aposentos de gente que morria. He esta planta terrestre, & participa muito do humor, & fez da mesma terra. Nasce em lugares escuros, & sombrios, & dizião della, que primeiro intenta ir ao inferno, que apparecer sobre a terra, porque cresce muito para baixo com a raiz, detendo-se largo tempo em sair a luz. Entre os Gregos andava hum proverbio, & era, que quando vião algum doente de enfermidade incuravel, dizião delle, q̃ tinha necessidade de Aypo, dando a entender, que estava vicino da morte, & que se podia buscar Aypo para o enterramento de seu corpo. Os mesmos Antigos, que em seus convites, & ajuntamentos festivaes usavaõ de capellas nas cabeças de toda a variedade de flores, não querião que entre ellas viesse por descuido alguma folha desta triste planta, porque nem sinal de tristeza querião, aonde tudo era prazer, & alegria. Significa o Aypo pranto, o qual (como diz Santo Augustinho) he tristeza da perda que temos de cousas a que muito queremos. Nasce o pranto da fraqueza, & pusillanidade humana: & acerca do effeito, & officio que tem, contou certo Filosofo huma fabula graciosa à Rainha Arsinoes, que estava enojada por morte de seu marido, & foi. Que

*Pierius.**Plinius.**August.*

Ec ij

deoses

deuses da terra, & do inferno, ficando todos contentes com a forte que lhes coubera: succedeo não se achar presente o Pranto, & vindo depois das repartições feitas, mostrou grande sentimento, sendolhe facil derramar lagrymas, porque jūto aos olhos traz nuvens dellas que o não deixão ver. Pedio que lhe dessem algũa cousa, & Jupiter pelo contentar, & lhe fazer merces, não tendo que lhe dar cousa da vida, deu-lhe as que na morte se achão, Sentimento, Dór, & Tristesa, mandandolhe que assistisse com os defuntos. Com estas merces se despedio o Pranto, dando-se por satisfeito da forte que lhe coubera em entender com mortos, & exequias funeraes, aonde heitão certo, como com elle se façõ lagrymas, & amarguras, de que sempre se acompaña. Feve pois o Pranto cuidado de se achar em casas, aonde ha defuntos, & por isso nunca se estranhãõ lagrymas, & sentimento aonde ha morte de gente, que por qualquer respeito se amava, & queria muito; & ainda que nestas occasiões não ha o Pranto reprehendido, reprehende-se com tudo o excesso delle. Assim dizia S. Chrysofostomo, que não estranhava chorar a mãy pelo filho defunto, o irmão pelo irmão, ou o amigo pelo amigo, porque a natureza ha-se de doer, & achar menos o bẽ q̃ lhe falta. A gente ha de ter effeitos humanos. Chorou Christo na morte de Lazaro: chorai vós na de vosso amigo. Segui o exemplo de Christo: *Lacrymare, sed leniter, & prudenter, & cum Deo timore.* Chorai, mas com temperança, & prudencia, & com temor de Deos. Sentio a partamento, mas não como que desconfia do melhoramento do defunto. Aos que se apartão de nós por irem a terras remotas, choramos, & com amorosas lagrymas nos despedimos d'elles; o mesmo fazemos com os q̃ morrem, & se apartão de nós, até que nos tornemos a ver. A viuva de Naim, que chorava pela morte do filho que levava a enterrar, disse Christo, que não chorasse: *Noli flere.* E não lhe tolhe o que não chorasse, & mostrasse o devido sentimento, mas que não chorasse excessivamente, & por isso lhe não disse,

Chrys.

Prov.

Augu.

Luc. 7.

disse, que não chorasse, mas que não quisesse chorar: *Noli flere*, no q̄ lhe tolheo o pranto immoderado. E he o mesmo que S. Paulo diz: *Nolumus vos ignorare de dormientibus, ut non contristemini sicut & cæteri, qui spem non habent.* Não quero que fiqueis sem saberdes acerca dos vossos defuntos, que não sejais tristes pela morte delles, como os Gétios, que sentem muito aos que enterraõ, porque nenhũa esperança tem de os verem resuscitados; mas vòs outros, a quem a Fé ensina outra couza, não tendes para que ter excessiva tristeza. O Espirito Santo no Ecclesiastico diz, q̄ choremos ao morto, & ao tonto: *Super mortuum tuum plora, & super fatuum plora.* E logo se vai declarando, dizendo que choremos hum pouco a morte do nosso defunto, dando esse alivio à natureza, consolando-nos logo, porque elle descança; mas o que muito se ha de chorar, he a morte do nescio; & chama nescio ao peccador; sendo grande lastima que choremos muito a morte corporal de nossos irmãos, & amigos, & não sintamos mais a morte espiritual de nossas almas, & dos nossos proximos. Não tendes entranhas de caridade, (diz o grande Augustinho) se chorais o corpo, do qual se apartou a alma, & não chorais a alma, da qual se apartou Deos: *Non sunt in te viscera charitatis, si fles corpus, à quo recessit anima, & non fles animam, à qua recessit Deus.* Na alma defunta são as lagrymas bem empregadas. E isto he o que os servos de Deos sentem, & chorão. Morte, & perdição de tantas almas, quantas o peccado mata cada momento. E aquelles que sabem chorar estas perdas, são os servos de Deos, que elle manda affinalar com o seu final de salvação, como Ezequiel em hũa visão vio a hum homem vestido de branco, com seu tin-teiro, & pēna na mão, & hũa voz que lhe dizia: *Passa pelo meyo da Cidade, & affinala com o final de Thau aquelles que chorão pelos peccados, & abominações desta Cidade.* Donde se segue, que aquelles são servos de Deos, affinalados para o Ceo, que fazem pranto, & derramão lagrymas, não

Thess. 4.

Eccl. 22.

Ezéc. 9.

2. Cor. 1.

por defuntos que morrem ao mūdo, mas por almas que morrem a Deos. E desta maneira quem chorar hum pouco pelo q̄ morre, chore grande espaço pelo que offende a Deos, q̄ este he o nescio, & o tonto, que o Espírito Santo manda chorar. Bẽ servo de Deos era aquelle que sentindo as feridas dos proximos, como se forão suas, dizia: *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* Que proximo meu està enfermo, que eu me não cõpadeça delle, & sinta seu mal, como proprio meu? Quem padece algũa dõr, que eu com elle igualmente a não padeça.

Consideração segunda.

Ioan. 19.

Luc. 7.

Ioan. 12.

August.

Ps. 136.

DEve-se considerar pelo que fica dito, que são tres as cousas porque devemos fazer pranto excessivo: peccados propios, peccados alheyos, & por lembranças, & saudades do Ceo. Destes tres prantos se compõem o livro das lamentações de Jeremias: porque nelle se chorão culpas proprias, & alheyas, quaes eraõ as de seu povo. Com estas agoas dos olhos devemos regar a terra de nosso entendimento, para q̄ della nascão fruttos de boas obras, & flores de diversas virtudes. A Virgem Senhora nossa chorou, & fez pranto ao pé da Cruz, não de peccados, que nunca os commetteo, mas da Payxão de seu divinissimo Filho, & condenação do povo Judaico. A Magdalena aos pés de Christo, & depois por largo tempo no deserto chorou erros propios da vida passada. Quando por nenhũa destas razões quizerdes chorar, chorai pela terceira, como diz Santo Augustinho: *Et tu sume plantum pro caelestibus.* Já que vòs não chorais males propios, nem alheyos, fazei pranto pelos bens celestiaes. Chorai como os filhos de Israel, junto às correntes dos rios de Babylonia. Chorai lembranças de Sion, & da celestial Cidade de Jerusalem. Estas saudades vos obriguem a dizer com gemidos da alma, que sentis muito tão grande desterro, & tão prolongadas ausencias, como de veras as sentia aquelle que dizia:

Heu

Heu mihi, quia incolatus meus prolongatus est. Os que deste modo chorão são Bemaventurados, que assim o disse Christo por sua bocca: *Beati qui lugent.* Elle mesmo lhes promette a consolação, elle diz, que lhes ha de alimpar as lagrymas de seus olhos. Ps. 119.
Matt. 5.

Diz S. Bernardo, que cada momento tem motivos de chorar, quem a momentos cuidar nas miserias que na vida padece, & nas que ha de padecer na hora da morte: quem se lembrar da brevidade da vida, & pouca firmeza das cousas do mundo. Quem puser os olhos em sua peregrinação, & molestias de cada dia; & por fim bem tem que chorar, quem de continuo tem occasião de novos prantos. O leão bravo açoutes o abrandão, o coração duro lagrymas o abrandão. Bernar.

Hyssopo.

Limpeza.

Consideração primeira.

HYSSOPO he hũa pequena, & humilde herva, que communmente nasce pela paredes, & telhados das casas, referida muitas vezes em as divinas letras; donde se collige, q̃ assim como das arvores, entre os Hebreos, o Cedro era a mais excellente, & a quem se dava o primeiro lugar nas plátas mais nobres; assim das hervas, era o Hyssopo a minima para cõ elles, ainda que o significado não era de pouca excellencia. No terceiro livro dos Reys se conta, como Salamão cõ a sciencia q̃ do Ceo teve das cousas naturaes, tratou da natureza, & virtude de todas as plantas, & para dizer que não ficou planta de q̃ não tratasse, diz que fez Salamão tratado de particulares disputas, & questões acerca das plantas, começando do Cedro até o Hyssopo, herva que nasce nas paredes: *Disputavit super lignis à Cedrousq̃ ad Hyssopum, quæ egreditur de pariete.* Assim he de notar, que sendo esta herva a minima 3. Reg. 4.

Exod.

12.

Lev. 14.

Num. 19.

Hebr. 9.

Psal. 50.

de todas, & de menos estima, seja tantas vezes referida na sagrada Escriitura, como se póde ver no Exodo, no Levitico, & no livro dos Numeros: mandado Deos fazer com ella certas ceremonias da Ley Velha; pelo que não ha duvida, que deixe de ter esta herua algum significado. Este tem de limpeza, & particularmente limpeza da alma, pela qual os que estão maculados de algũa nodoa, ou fealdade do espirito, ficão limpos. E por isso mandava Deos, que aspergissem com esta herua certa especie de lepra, com que ficavão limpos os doentes della. E pela lepra claro está que se entendem os peccados, ou as maculas, & nodoas que esses peccados fazem em a alma: donde David vendo que não estava limpo, mas com maculas da alma, & nodoas do peccado, pedia com muitas lagrymas a Deos, que como a doente de lepra o alimpasse, aspergindo-o com o Hyfopo, que he limpeza do espirito:

Asperges me byssopo, & mundabor, lavabis me, & super nivem de alabor. Como se dissera: Porque Senhor eu me conheço por polluto, & cheyo de muitas torpelas, vós me alimpai invisivelmente, como com o hyfopo, que diz limpeza, mandais alimpar a lepra, & outras cousas immundas: porque da mesma maneira que os Sacerdotes do vosso Templo, para a expiação da gente contaminada, borrifaõ com o hyfopo o corpo enfermo, assim vós alimpai o meu espirito cõ as agoas do vosso espirito, & com o sangue de vosso Filho para perfeita expiação de meus peccados, significada no exterior borrifo do hyfopo. Se fiserdes isto: *Mundabor*, ficarei limpo segundo a alma, que estava polluta com peccados.

Se tiverdes por bem de me lavar, & alimpar com o licor de vossa graça, sem duvida que ficarei mais alvo, & puro, que a alva, & pura neve. Esta limpeza da alma he a que David pede a Deos, & devemos todos procurar mais que a do corpo, porque a do corpo não he de nenhum proveito ao homem para com Deos; & a da alma he proveitosissima, & muito necessaria, & esta não consta de lavar as mãos, ou o corpo de maculas

maculas que tenha, fenaõ a alma de vicios que tem. Donde quando Deos por Isaias nos diz que nos lavemos, & sejamos limpos: *Lavamini, mundi estote*; não nos manda aos rios, *Isai. 1.* ou às fontes, para que nos lavemos nellas, mas às proprias almas, & a nõs mesmos, dizendo: *Auferte iniquitates vestras ab oculis meis*. Afastai de meus olhos vossas maldades: este he o lavatorio que haveis de fazer, não fazer peccados, & se os tendes feitos, emendar delles, & alimpar a alma delles. Esta he a limpeza que os justos tem, que quanto a do corpo peccadores a tem, homicidas, adulteros, & deshonestos; antes estes para andarem mais limpos, & cheirosos, trazem comfigo os cheiros, & unguentos preciosos, vèstem sedas, & brocados, & conforme os dias mudão os vestidos, tendo por dentro a alma morta: *Nihil est magnum, si corpus abluas*, diz Chrysoftomo. Não fazeis muito em lavardes o corpo, porq̃ *Chrysf.* isso fazem hoje Mouros, & Judeos. Lavai, & alimpai a consciencia, que isso quer Deos; & por isso dizia David: *Cor mundum crea in me Deus*. Por isso o mesmo Senhor por Jeremias diz ao peccador: *Ablue à malitia cor tuum*. Por isso o Salvador do mundo disse, que erão béaventurados os limpos do coração, & não do corpo: *Beati mundo corde*. E a *Mat. 5.* estes diz, que verão com seus olhos a Deos; porque só de limpos de coração se deixa ver o mesmo Deos. E como diz São Augustinho, a pureza, & limpeza do coração são os olhos com que se vê a Deos; em cuja guarda ha mister tanta cautela, quanto esta pedindo a magestade da cousa que de taes olhos se deixa ver. E he de considerar dizer Christo, que só os limpos de coração verão a Deos, porque alli estão os olhos aonde Deos se vê, & estes olhos desejava o Apostolo S. Paulo que tivessem aquelles a quem dizia: *Illuminatos oculos cordis vestri*. *Ephes. 1.* Permitta o Senhor do Ceo darvos hús olhos do coração que tenham lume, para que com elles vejais a Deos. E para estes olhos pedia o Profeta Rey a Deos com tanta instancia, que lhe dèsse luz nelles, para nunca o offèder:

Illumina

Psal. 12.

Illumina oculos meos. He verdade que a estes olhos he cousa difficultosissima, não succeder algum contagio de vicio humano, que costuma contaminar nossas boas obras, as quaes quando são melhores, & mais excellentes, são mais acometidas de louvores humanos; mas o que for de limpo, & simples coração, que não faz as cousas a respeito dos homens, nem por contentar ao mundo, quando se vir acometido de gloria mūdāna, diga com David: *In Domino laudabitur anima mea,*

Psal. 33.

audiant mansueti, & letentur. Nos louvores que a Deos se dão, se glorea a minha alma, & não nos que os homēs me querem dar a mim. Oução isto os que pela mansidão do espirito se não inquietão, nem perturbão com louvores do mundo; oução isto, & alegremse, que os ha Deos de guardar de males com que o mundo os acomete. Esta he a limpessa da alma (figurificada na planta de que tratamos) a qual ninguem se póde gloriar que a tem, porque para com Deos ninguem he limpo de coração, porque a possibilidade da natureza humana,

Iob 25.

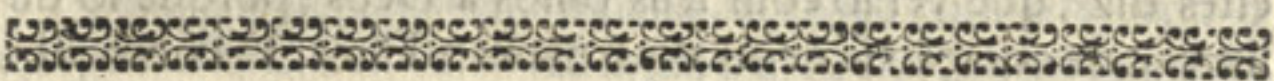
como diz S. Augustinho: *Vulnerata, sauciata, vexata, per-*

August.

ditā est. Estā ferida, chea de chagas, maltratada, vexada, & per-

Rom. 3.

dida, necessidade tem da graça de Deos que a restitua, alimpe, & reforme, sem a qual ninguem he justificado.



Mandragora.

Boa fama.

Consideração primeira.

Gen. 30.

DAs Mandragoras se faz menção em as divinas letras, especialmente em o Genesis, aonde Raquel fez tanto por ficar com ellas para as comer, como manjar de muita estima. Confessa Santo Augustinho, que lhe deu muito em que entender, alcançar o segredo das Mandragoras, & a ração porque sobre ellas houvesse contendas entre Raquel, & Lia. E assim diz elle, que fez diligencia em as ver, para dahi

dahi considerar a natureza, & propriedade dellas; dandolhe idoneo significado, para interpretar os passos aonde na sagrada Escrittura se fala dellas. Diz pois que as vio, & considerou com attenção; & que não julgando a propriedade das Mandragoras por sciencia que tivesse das virtudes, & effeito das hervas, mas conforme ao que via com os olhos, do cheiro, & labor que tinham, achou que erão agradaveis à vista, & tinham cheiro suave, mas que não tinham bom labor, nem erão gostosas; & assim não podia deliberar comfigo, porque ralaõ Raquel fizesse tãtos extremos pelas Mandragoras, se por ventura não as desejou mais que por hervas raras, & pela suavidade do cheiro. E quanto ao não passar a sagrada Escrittura por este appetite de Raquel, sem o contar miudamente como foi, diz o Santo, que isto mysterio encerra; mas que elle não pode conjecturar outra cousa, senão que por aquelle fructo das Mandragoras se entende a boa fama: *Non intelligo aliquid ex ipso Mandragorico pomo posse figurari, nisi bonam famam.* Não aquella fama que tão sómente procede da opiniaõ dos Santos, & Justos, mas tambem a fama popular, & a boa opiniaõ, que alguns tem com o povo, a qual he necessaria para os que governaõ, & tem algumas dignidades publicas, os quaes ainda que na realidade não sejaõ bons, & que em segredo tenhaõ alguns defeitos, com tudo saõ louvados, & bem accitos pela boa fama, que delles corre, estando bem acreditados com a gente. E este credito (diz o Apostolo S. Paulo) que he necessario para os que haõ de ter officios publicos: *Oportet autem testimonium habere bonum ab eis, qui foris sunt.* 1. Tim. 3. Importa que a gente popular de testemunho bom de sua vida, & procedimento. Porque ainda que os taes saibaõ pouco a respeito de outros, com tudo sabem dar de si exemplo de boa vida, & cheiro de boa opiniaõ àquelles dos quaes tem cuidado, pelo que merecem louvor, & reputaçãõ, o qual não alcançaõ tanto os que saõ particulares, & buscaõ proprio sossego; mas aquelles que
andaõ

Gen. 30.

andão no trabalho, & perigos das acções. Por isso o filho de Lia achou as Mandragoras, porque sahio ao campo; *Exiens in agrum*, quer dizer, *honestè ambulans ad eos qui foris sunt*. Sahio de casa ao campo, a ver se fãta, & honestamente com os que estão fóra, para os ensinar, para os admoestar, & consolar em suas afflicções. De modo, que não basta ter hũa pessoa partes para ensinar, & governar, senão que ha de exercitar, & communicar essa doutrina, andando em o meyo do povo, & communicando a todos donde vem achar as Mandragoras, que he alcançar a boa fama, de que se ha de acompanhar. É posto que he conselho Evangelico, que os Varões Apostolicos padeção afrontas, & injurias, & folgué de serem afrontados com vituperios, & falsos testemunhos, com tudo occasiões ha em que não sómente hão de mostrar sua inculpavel vida, mas ainda manifestar ao mundo virtudes suas, como as manifestou o Apostolo S. Paulo, quando andãdo infamado, & murmurado de muitos inimigos que tinha, & o queriaõ inimistar com o povo, importandolhe conservar o credito, & acodir por sua honra, escrevendo aos de Corintho, faz hũa grande escrittura de virtudes, & excellencias suas, começando pela nobresa, & sangue que tinha, logo das letras, & partes de que era dotado, & das muitas vezes que fora açoutado por Christo, as fomes, sede, trabalhos, & misérias, que padecera, & por fim, que fora arrebatado ao terceiro Ceo. Sendo assim, que o Apostolo era muito humilde, & nada amigo de publicar seus bens. Mas: *Vos me coegistis*, (diz elle) vòs outros com as cousas que dizeis de mim, me forçastes a isto, que nunca eu tinha para que me louvar, vòs ereis os que me houvereis de louvar: *Tamet si nihil sum*. Bê sei que sou ninguem, mas pois afrontais a quem està posto em dignidade, que ha mister conservar credito, & boa fama, direi o que ha em mim, & publicarei virtudes minhas, porque vos não atrevais a pòr bocca em Ministros, & Prelados publicos, que devem conservar honra, credito, & authoridade.

2. Cor.

12.

2. Cor.

12.

As Mandragoras pois por ditto de Santo Augustinho, significação esta boa fama, como fica referido. Parece que por isso convidava a Pastora do Ceo ao querido Esposo, que sahisse ao campo a ver se florecerão as vinhas, & dalhe por novas, q̄ as Mandragoras derão o seu bom cheiro: *Mandragoræ dederunt odorem.* Tão proprio he destas hervas darem fructo cheiroso. E parece que nisto se nos quer dar a entender, que se alegra muito a Igreja Esposa de Christo, quando saindo a tirar a formação dos costumes, & procedimento dos q̄ nella tem officios, & dignidades publicas, acha que procedem bê, & que dão de si o exemplo, & boa fama, que se esperava delles: *Mandragoræ dederunt odorem.* O Apostolo S. Paulo diz de si, & dos que governaõ, & sãõ cabeças: *Christi bonus odor sumus.* Somos o bom cheiro de Christo, saibamolo conservar, para que possamos grangear almas com a doutrina, & exemplo de vida que lhe dermos. Disto se queixava Deos por Jeremias, que os Ecclesiasticos do seu povo estavaõ mudados do que eraõ, & tinhaõ perdido honra, & authoridade, quando dizia: *Mutatus est color optimus.* Mudouse a boa cor que tinhaõ os Sacerdotes, & Ministros do meu Templo. Aonde S. Jeronymo diz, que entãõ se muda a boa cor: *Cum quorundam, qui agere religiosè videbantur, religiosa existimatio minuitur, & quasi pallefcit.* Quando se diminue o credito, & fama daquelles que pareciam viver, & proceder santa, & religiosamente. Pelo que diz o Espirito Santo: *Currant habe de bono nomine.* Não f. çais pouco caso de terdes bom nome, & estardes em boa reputação com a gente: porque se sois Ecclesiastico, importa isso muito para exemplo, & edificação do povo. Por isso disse Christo a seus Discipulos: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra.* Assim resplandeça vossa luz diante dos homens, que vejaõ elles vossas boas obras, & tomem disso exemplo, & dahi se siga darem elles honra, & gloria a Deos, que de tão bõs Ministros sabe adornar a sua Igreja. Para com os Gentios teve

August.

Cant. 7.

2. Cor. 2.

Ibren. 4.

Eccl. 4.

Pierius.

a Man.

a Mandragora significado de descuido, & negligencia, donde se originou hum adagio que diz: *Mandragoram bibere*, que quer dizer, ser froxo, tibio, & mui descuidado. Tirouse o adagio do effeito, & propriedade desta herua, que lançando-se no vinho, causa a quem o bebe taõ profundo sono, que parece estar morto, & não usar de espiritos vitais. Por onde se dava a beber antigualmente a muitos que por justiça havião de padecer tormentos, cortandolhes partes de seus membros, sem os sentirem, nem darem acordo disso. Pelo que se chega muito esta herua a peçonha, ainda que de todo o não he. E affirm aquellas Mandragoras que Rubem achou no campo, & por mimo levou a sua mãy Lia, que depois as deu a Raquel, devião ser outras, que tivessem differente virtude sem suspeita de prejudiciaes. E não faltão Authores que digão, que as desejou Raquel, porque como era esteril, entendeu que tinhão as Mandragoras virtude de affugentar a esterilidade, a quem as comesse.

Gen. 30.

Linho. Santidade, Justificação.

Consideração primeira.

Tambem aqui se ha de tratar do Linho, & do significado que tem: pois he planta que a terra dà, como outras de que remos tratado; & tem esta excellencia, que o mesmo Espirito Santo declarou o que por ella se entendia. Fala-se do Linho em muitos lugares das divinas letras, debaixo desta palavra *Linum*, *Byssus*, ou *Byssinum*, que todas ellas querem dizer Linho, & de todos estes Lugares se collige, que a significação do Linho he Santidade, ou Justificação, como se deixa ver no decimo nono capitulo do Apocalypse, aonde o Evangelista S. Joãõ diz, que depois da Divina Justiça tomar vingança daquella infame molher, que derramou o sangue

Apoc. 19

sangue dos Santos, houve no Ceo hum grande contentamento, & huma voz como de trombeta, entre outras cousas differa que se alegrassem interiormente todos, & dessem mostras exteriores de prazer, & alegria, porque erão chegadas as bodas do Divino Cordeiro, & sua Esposa se aparelhava para as bodas, nas quaes se lhe concedera por merce, vestir-se de Linho branco, & resplandecente: *Datum est ei ut cooperiat se byssino splendenti, & candido.* Trata aqui o Evangelista sagrado daquelles soberanos desposorios, que houve entre Christo, & a Igreja; & logo declara o que significa vestir-se a Esposa de Linho mais que de outra coufa, dizendo, que o Linho são as justificações dos Santos, a santidade dos escolhidos, & as boas obras que nesta vida fiserão: *Byssinum enim justificationes sunt Sanctorum.* E porque (como diz Santo Augustinho) as justificações do Justo são dões de Deos, por isso diz, que foi merce a que se fez à Esposa, adornarse de Linho, & todo este tempo que ha daqui ao dia do Juizo, se dà à Igreja, para que se aparelhe, & adorne de mais santidade, & justificações, para o dia de suas bodas, quando por meyo daquella bemaventurada uniaõ se ajuntarem perfeitamente, para nunca mais se apartarem. Serà este dia de singular contentamento, pelo que se alegrão os que são chamados às festas do Cordeiro. Não parou aqui o Evangelista, senão que levantando os olhos, vio que acompanhavão ao Cordeiro esquadrões de gente vestida de Linho branco, & limpissimo: de sorte, que a Esposa vinha adornada de Linho, os que acompanhavão o Esposo vestião a mesma libré, & o Esposo trazia a roupa rociada de sangue. Vejamos porque o Linho significa Justificação, que tambem daquella forte molher dos Proverbios diz o Espirito Santo, que vestia Linho, & purpura: *Byssus, & purpura indumentum ejus.* Que segredo he este *Prov. 31* vestir-se a Esposa, & os Justos de Linho mais que de outro pano? Para declaração disto, considere cada hum o que o Linho

448 LINHO. SANTIDADE, JUSTIFICACAO, AM
passa para chegar a ser branco, & resplandecente, & entao en-
tendera, porque a santidade se significa no Linho. E conside-
re como o Linho he semeado, & lançado na terra; como o ar-
rancaõ depois de nascido, como o põem em tanques de agoa,
ou correntes de rios, & o carregaõ de pedras, como apoz
illo o mortificaõ, como o maltrataõ, & golpeaõ, & passaõ por
dentes de ferro, & finalmente o muito que ainda depois de
tudo isto padece primeiro que chegue a ser posto no tear, &
depois para o curar o que se lhe faz para vir a ser branco. Que
isto notar, facilmente entendera, porque a santidade, & justi-
ficaçãõ he significada pelo Linho. E entenda o servo de Deos,
que para ser santo, & entrar justificado, limpo, & resplande-
cente no Ceo, ha de passar trabalhos, mortificações, deshon-
ras, & afrontas, apertos, & misérias: porque nem a Esposa
Divina se dà entrada no Ceo, se primeiro se não aparelha cõ
isto, nem ao Esposo seguem senão os que se vestem de Linho.
Mas não he muito que os Justos se vistão de trabalhos, pois o
Esposo entra nestas bodas com a vestidura rociada de sangue.
Esta he a preparaçãõ que haõ de fazer os Fieis de Deos: &
saibaõ que he particular merce, & dom de Deos darlhes tem-
po, & occasiãõ para taõ rico aparelho. O que além de dizer o
Evangelista S. Joãõ, como fica declarado, tambem o Aposto-
lo S. Paulo o diz por hũas palavras que enearcem a excellẽ-
cia, & grandesa deste favor: *Vobis datum est, non solum ut in*
eo credatis, sed ut & pro eo patiamini. A vós outros que se-
guis o Cordeiro para onde quer que vai, vós que sois escolhi-
dos seus, vos he concedido por merce, que não sómete creais
em Christo Jesu, mas tambem que padeçais por elle. Por on-
de não temos que nos admirar, que na casa do Justo vejamos
angustias, tribulações, & necessidades, para que haja santida-
de, & justificaçãõ, que tudo isto he purificar-se o Linho, para
que com o vestido desta librẽ se prepare a gente para a entra-
da do Ceo. Estas angustias, & apertos não afeão ao Justo, mas
fazem-no mais fermoso, & puro. Os males da vida quando
lhes

Phil. I.

lhes vem, não he para os abaterem, mas para realçarem mais seu valor: *Diligentibus Deum, omnia cooperantur in bonum*, diz o Apostolo S. Paulo. Aos que amão a Deos tudo lhes estã bem, & tudo ajuda aos fazer mais bellos, & engraçados: porque nas prosperidades exercitão a virtude do agradecimento, dando graças a Deos, porque os consola, & visita, & nas afflicções exercitão a paciencia, que he hum grande bem, como diz o Apostolo Santiago: *Quoniam tribulatio patientiam operatur*. Nas perseguições exercitão a benevolencia, nas contradicções a sabedoria: & em fim todos os males se lhes convertem em bem, ficando na prova delles mais santos, mais justos, mais humildes, & acautelados; como ficou David, quando disse: *Bonum mihi, quia humiliasti me, ut discam justificationes tuas*. Para eu Senhor ficar alvo, & puro, limpo, & resplandecente como o Linho já curado, couza boa, & conveniente me foi, terdesme vòs humilhado, para que eu aprenda vossas justificações. Este he o singular privilegio dos Justos, converterse lhe tudo em bem. Del-Rey Mydas fingirão os Antigos, que por agasalhar em sua casa a certo deos, lhe concedeo em galardão da boa hospedagem, que tudo quanto tocasse se lhe convertesse em ouro. Assim são os Justos, que tratao de ter a Deos por hospede, que tudo se lhes converte em ouro de merecimento, com que haõ de comprar hũa gloria que não ha de ter fim. Hia Balão para amaldiçoar o povo de Deos, & Deos cõverteo as maldições em benções, & castigou aos que procuravão q̄ fosse maldito: *Quis est qui vobis noceat, si boni emulatores fueritis?* diz S. Pedro. Que couza ha irmãos, q̄ vos possa empecer, se quiserdes imitar o bẽ: *Non contristabit justũ, quidquid ei acciderit*, diz o Espirito Sãto nos Proverbios. Nenhũa couza póde acótecer ao Justo q̄ o entristeça, porq̄ como não deseja mais q̄ a gloria de Deos, & sabe q̄ seus trabalhos os ordena Deos para gloria sua, em todos elles estã com rosto alegre, nada o inquieta, nenhum mal offende seu valor, nenhũas trevas escurecem seu resplendor.

Rom. 8.

Iacob. 1.

Ps. 118.

Num. 22
23. & 24.

Favas.

Demandas.

Consideração primeira.

2. Reg.

17.

Ezec 4.

EM dous lugares da divina Escrittura são as Favas referidas, & supposto que entre Authores sagrados não ha descobri-se a significação que tem, consta de letras humanas, que de tempo antigo lhe attribuirão a de demandas, & porfias. Para cujo entendimento he de saber, que as Favas foraõ sempre muy aborrecidas de quem alcançou sua malignidade, porque causaõ grande guerra, & inquietação em o estomago, inchando dentro nelle, & levantando ventosidades que o offendem, & canção: sendo difficultosas de digerir, & causando terribes sonhos: condições proprias de demãdas, aonde tudo he inquietação da alma, & do corpo, tudo guerras, & teimas, cuidados, & imaginações de vinganças. E estavaõ os Antigos tanto nesta verdade, que com grandes penas eraõ prohibidas as Favas aos Pythagoricos, porq̃ não comessem cousas que os inquietassẽ, & lhes causassẽ variedade de sonhos: ainda que outros dizem, que os Pythagoricos tinhaõ para si que as almas dos que morriaõ se recolhiaõ em as Favas, & assim conta Festo Pompeo, que succedeo a Pythagoras, indo fugindo a quem o queria matar, & podendo-se esconder em hum faval, elle o não quiz fazer por não pizar as Favas, que eraõ recolhimentos das almas, querendo que antes o matasem seus inimigos, que cõmetter tal sacrilegio.

*Plinius.**Festus.**Pierius.*

Os Egypcios não semeavaõ, nem comiaõ Favas. Dizem alguns, que o faziaõ por imaginarem que dentro dellas se escondia alguma divindade. Mas outros affirmaõ, que o não faziaõ, senão por ser legume péssimo, grosseiro, & de humor muito melancolico; por onde não sómente não as comiaõ, mas nem ainda as queriaõ ver com os olhos. Entre os

Romanos

Romanos eraõ as Favas tidas por impuras, & abominaveis, & ao seu summo Sacerdote naõ era licito tocar Favas. Offereciaõ-nas aos deoses do inferno, & nas ezequias dos seus defuntos faziaõ hum manjar de Favas para comerem os mesmos que imaginavaõ estar em companhia dos deoses infernaes. Na flor da Fava pòdem advertir os curiosos, que se representa hum nojo, & luto triste. O significarem demandas, nasceo de hum proverbio, que Suidas declara, o qual diz: *Neque allium comedendum, nec fabas.* E quera dizer, *Suidas.* que naõ haviaõ os homens de comer Favas, nem alho, entendendo, que haviaõ os homens de fugir de demandas, & guerras, porque o alho he symbolo da guerra, por ser commum aos soldados, & as Favas symbolo das demandas, porque commumente as comiaõ os que estavaõ ouvindo causas, & demandas, para naõ adormecerem, & estarem attento; & diz Pierio, que se mudou este costume em *Pierio.* Roma nos jogos do Amfitheatro, aonde para senaõ enfadarem os Romanos em quanto tardavaõ as festas, costumavaõ os Judeos andar vendendo tramoços cortidos em agoas pelos assentos, & estancias do Amfitheatro, & que delles passou este costume às negras, que hoje os andão vendendo pelas ruas, que até este genero de mercancia manou desta gente, que inventou todo genero de trato, de que pudesse viver, & enriquecer.

Consideração segunda.

Demandas nunca as houvera de haver entre gente que procura viver pacifica, & quietamente, & ser do numero daquelles, a q̃ já nesta vida o Salvador do mundo chama Bemaventurados, dizendo: *Beatipacifici, quoniã filii Dei vocabuntur.* *Matt. 5.* Bãaventurados os pacificos, porq̃ elles serão chamados filhos de Deos. Não saõ demãdas, & litigios da profissãõ do Christão, q̃ professa paz, concordia, & caridade cõ o proximo. Assi nos acõselhaõ os Sãtos, & particularmẽte

August.

Santo Augustinho, que fuja a demandas, & quando estas se não puderem escusar, depressa ponhamos fim a ellas por meyo de composição: *Ne ira crescat, & trabem faciat de festuca.* Acabem se demandas, componhão se contendas, porque a vossa tenção não venha a ser payxaõ, a vossa pertinacia não seja odio, & o vosso odio obstinaçaõ da alma, & assim o que no principio he hum pequeno argueiro, venha por tempo a ser trave de proprio escandalo, que dè com vosco no inferno, ficando a pobre da alma sendo homicida, pois por sentença de Christo nosso bem o he aquelle que a outrem aborrece, o que agrava, & molesta o proximo, o que com satisfação não remedeya o mal que fez, & offendendo não pede perdaõ. Os que cahem nestes cõmissos, & não se emendaõ, são homicidas. Diz S. Chrysofotomo, que os pacificos, & mansos de coraçãõ fogem a litigios, & controversias, & para não as terem buscaõ os modos possiveis, ainda que seja cortando por si. Houve brigas, & contendas entre os pastores de Loth, & Abrahaõ, & podendo por esse respeito haver vellas grandes entre os amos, pois as havia entre os criados; ver o como Abrahaõ acodio depressa a isso, & atalhou a fastios, & payxões: ver o como foi o primeiro que cõmetteo partido ao proprio sobrinho, sendo assim, que devera Abrahaõ ser rogado d'elle. Vinde cá, (diz elle) sobrinho Loth, porq̃ entre nós não haja demandas, & dissençaõs, tratemos de nos compor ambos: *Ne fortè sit iurgium inter me, & te.* Não são estas cousas que hajaõ de passar avante, aqui lhes havemos de dar fim: se as controversias são sobre quem terá melhor terra para os pastos de nossos gados, escolhei vòs a q̃ melhor vos parecer, & ide logo para ella, que se vòs por melhor escolherdes a da mão direita, eu ficarei com a da parte esquerda, & assim ficaremos ambos taõ amigos, como sempre fomos: não haja entre nós litigios, cessem fastios, & payxões. Notai (diz S. Joaõ Chrysofotomo) como hum Justo se sabe haver, para não perder sua quietaçãõ, & estar com todos em paz,

Chryf.

Gen. 13.

Chryf.

ensinando-nos, que nem com os inferiores tenhamos porfias, de que nascão odios: *Justus æquabiliter omnia facit, docens nunquam cum proximis esse litigandum, etiam cum inferioribus.* Tinha mysterio mandar Deos na Ley Velha, que os pleitos, & demandas se julgassem, & sentenciassem às portas da Cidade. Alli fazião suas audiencias, aquelles erão os lugares de suas Relações. Alli assistião os Juizes, & Julgadores. Alli tinhão as Justiças seus tribunaes, aonde o povo que entrava, & sahia, via, & ouvia quanto passava. O que considerando S. Gregorio Papa, diz, que era ordem dada do Ceo, sentenciaremsse às demandas às portas da Cidade, porque não era bem que com discordia entrassem nella aquelles que na mesma Cidade tinhão necessidade de viver com paz, & concordia. Se ha contendas, se differenças, se payxões, logo aqui se julguem, & componhão as partes, não haja entrar, ou tornar para dentro da Cidade com fastios aquelles que em tudo devem procurar quietação. Por isso se fação as audiencias às portas, como diz Deos pelo Profeta Amos: *Constituete iudicium in portis.* A razão seja a que dà S. Gregorio: *Quatenus urbem, in qua concorditer vivere oporteret, discordes minimè intrarent.* Porque não era bem que os homens entrassem com differença na Cidade, aonde importa viverem todos concordes, & unidos em caridade. Com tudo ha demandas, & contendas no mundo, ha inimilades entre a gente, & ha odios entre Christãos, nascendo tudo isto da cobiça, & avareza, da inveja, soberba, & vaidades da vida: *Tolle hæc, & nulla discordia invenietur,* diz S. Chrystomo. Pende estas couças de parte, & não haverá no mundo discordia. Não haja inveja, não haverá má tenção. Não haja soberba, não haverá desprezar, & afrontar o proximo. Não haja avareza, não haverá furtos, ladroices, tratos illicitos, & extorções tyrannicas. Não haja vaidades, & não haverá presumpção, & destruição da fazenda. Em fim cessando viciós, & excessos, cessarão demandas, & litigios. E porque a justiça, & boa ordem das

Amos 5.
Gregor.

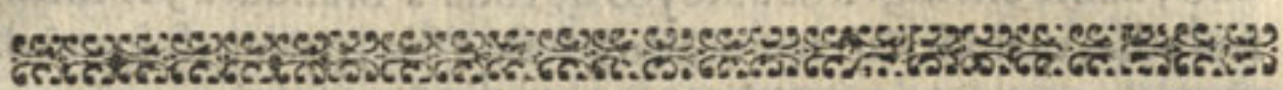
Chryf.

cousas procuraõ que em tudo haja bom procedimento, faz o que hum official de qualquer officio que seja, costuma fazer, que he pòr à vista dos que passaõ as melhores cousas que tem feito, para prova de seu talento, & habilidade. Os Reys para os officios escolhem os mais dignos, mais astutos, & avilados; a Igreja para Bispos, & Prelados os melhores, & mais qualificados varões: para Sacerdotes, & Ministros os mais exemplares, & virtuosos Christãos: os quaes com sua vida, saber, & aviso, componhão, & governem o mundo, julgando as cousas com justiça, & igualdade, & pondo em paz os que de algum modo estaõ diferentes, que he grande obra de misericordia pacificar os desconformes. Para se escusar todo genero de demandas, dà Santo Augustinho hum conselho, & diz, q̄ quem houver de litigar com o proximo, primeiro se ponha em demanda com sua consciencia, & lhe faça a saber o perigo em que se põem, da guerra em que entra, & da inquietação que quer começar, & assim lhe requeira, que desista de toda a payxaõ que tem, que corte por si, que dimitta de seu direito, que trate de paz, & concordia, & não queira pòr a alma a perigo de morte eterna. E quando por ventura a mesma alma estando cega de algũa payxaõ, se mostra triste, & perturbada com estes santos requerimentos, que se lhe fazem, porq̄ quer antes executar seu intento, & payxaõ, digamos a essa alma:

Psal. 42. *Quare tristis es anima mea, & quare conturbas me?* Alma minha, se te perturbas com cuidar que has de perdoar, & dimittir de tua determinação, & contumacia, & por isso estàs triste, olha que te perdes, & condenas. Se te não queres condenar: *Noli odiffe.* Não queiras aborrecer, não procures vingança, não molestes o proximo. E se isso te parece duro: *Spera in Deo.* Põem tuas esperanças em Deos: elle he Medico, curarteha. He pacificador, elle te aquietará. He Justo, elle te fará justiça. Põem tuas cousas em suas mãos, & ficaraõ seguras, & remediadas. Olha para elle, & vellohas pendendo em hũa Cruz por amor de ti, que o puseste nella, & nem

com

com tudo se vinga de tua ingraticidã : & tu queres te vingar de pequenos aggravos, que te fiserãõ. Olha para elle, & verã, que sendo offendido, estã pedindo perdaõ para os mefmos que o offendem. E se dizes que Christo pode fazer isto, & tu naõ, porque elle he Deos, & tu homem, verdade he, que he Deos, mas tambem he Homem : & tu homem sempre es homem. Porem homem era Santo Estevaõ, como tu es, & cõ tudo, quando Judeos o perseguaõ, elle os amava de coraçãõ: & quando o apedrejavaõ, rogava por elles a Deos. Assim o fiserãõ outros Sãtos. Assim o podes tu fazer, & imitar os Sãtos, & o mesmo Rey dos Ceos, que só a Santos dà lugares nelles.



Espinhos.

Riquezas.

Consideração primeira.

Diz S. Gregorio Papa, que naõ fora possivel darlhe al- *Gregor.*
 guem credito, ouvindo lhe dizer, que pelos espinhos
 saõ significadas as riquezas, sendo assim, que estas deleitaõ, &
 aquelles magoãõ. Mas he significação, (diz elle) que Christo
 nosso bem lhes deu, & declarou por sua bocca, & o que a ver-
 dade disse, naõ tem nossa fraquesa para que imaginar outra
 cousa : elle por si mesmo declarou que os espinhos (entre os
 quaes cahio parte da semente do lavrador que semeou em *Mat. 13.*
 quatro partes da terra) erãõ as riquezas, o campo, o mundo, a *Marc. 4.*
 semente a palavra de Deos. E declarou isto, para q̃ tambem nõs *Luc. 6.*
 aprendessemos a declarar, & dar sentido às mais cousas, a que
 elle por si mesmo naõ quiz dar declaração. As riquezas saõ es-
 pinhos, porq̃ magoãõ a alma com agudas pontas de cuida-
 dos, & inquietações : & entãõ a ferem cõ crueis feridas, quã-
 do a levãõ a commetter algum peccado: *Divitie spinæ sũt, Chryf.*
quæ cogitationum suarum punctiõibus mentem lacerant.

S. Chrysoftomo tambem diz o mesmo: *Spinæ sunt divitie,*

nullam afferentes fructum, & aspectu deformes, & usu injucunda, &c. As riquezas são espinhos, que nenhum fructo dão, disformes à vista, no trato insofriveis, que fazem mal aos que as tocão, & não sómente não prestão para dar fructo, mas impedem o que nasce ao redor dellas. Os espinhos são manjar de Camelos, & alimento do fogo. As riquezas não servẽ para outro uso, mais que para incendio do inferno, & para sustento dos appetites irrationaes. Os espinhos são duros, & asperos, nascem em lugares seccos, aonde não ha humidade; quando o lavrador os tira da terra, para o fogo os tira. As riquezas duras são, & intrataveis, pelo cruel tratamento que dão; dãose em fugeitos alheyos de toda a brandura, & misericordia, quando são arrancados desta vida, para o fogo vão. Antes quando querem alimpar a terra dos espinhos, não os cortão com ferro, que alli mesmo lhe põem o fogo. Os espinhos dão dor, & sentimento, & as riquezas dizem os Santos que tem por premio tormento eterno. Os espinhos fazem mal a outras plantas. Os ricos opprimem, & fazem mal aos outros, como diz Santiago na sua Epistola Canonica: *Nonne divites per potentiam vos opprimunt?* Quem vos opprime, se não os ricos pelo poder que tem? Se os espinhos não dão fructo, nem sustentão: *Divitiae non nutriunt, sed verbum Dei*, diz Chrysofomo. Não são riquezas as que sustentão, senão a palavra de Deos. E Santo Augustinho diz, que os ricos são tão necessitados, que até o pão lhes falta: *Divites egent, & quod plus est, egent pane.* Tem os ricos necessidade; & o que he mais, tem necessidade de pão. Os espinhos tratão mal a quem com elles se não acautela; do mesmo modo: *Divitiae incautos perdere consueverunt*, as riquezas sempre costumarão lançar a perder os mal advertidos, & descuidados. Os espinhos prendem, & embaração, assim o fazem as riquezas, que são prisões, & laços em que muitos estão presos, & embaraçados. O tratar com espinhos he mais perigo, que segurança: as riquezas tem muitos perigos para o mal, & nenhũa

Gregor.

Chryf.

August.

Chryf.

nenhũa segurança para o bem. Pois assim como dos espinhos se não faz caso, assim se devem ter em pouco as riquezas, & não fazer caso dellas, pois não aproveitaõ senão para levar ao inferno, sendo infinitos os caminhos por onde levaõ a elle.

Consideração segunda.

NA gente rica não se reprehendem as riquezas, mas a avareza de as possuir, nem se lhes attenta a abundancia de bens, como a fome de sua cobiza. Reprehende-se o aproveitar se mal dellas, o não se repartir dellas com pobres, o entesourarse sem meyo, & sem fim, pondo-se nellas sua felicidade da vida. Aos taes reprehende asperamente Santiago, quando diz. Andai ricos, chorai, & gemei vossas misérias, porque ellas haõ de vir sobre vós: *Divitia vestra putrefacta sunt.* Vossas riquezas apodrecerão, a vossa prata, & ouro tem ferrugem, os vossos vestidos estão comidos da traça: isso será testemunho de vossos corações: bichos vos comerão, o fogo vos consumirá. Aonde Ecumeno diz, que esta podridão de riquezas, esta ferrugem de prata, & corrupção de vestidos, darão testemunho contra os ricos, accusando sua avareza, & cõdição miseravel: *Arguent tenacitatem vestram.* As riquezas deste modo são as que se reprovão, & das quaes diz David: *Melius est modicum justo. super divitias peccatorum multas.* Melhor he o pouco do Justo, que as muitas riquezas dos peccadores, porque ellas o condenaõ mais, & o pouco do Justo ajuda o mais a se dar a Deos. Não ha riquezas como a virtude. Nenhũa cousa lhes he igual, nenhũa mais poderosa; os Principes, & Reys da terra possuirão Reynos, & Provincias, mas não tendo virtude, nenhũa cousa tem. Qualquer delles: *Panniculo so paupere miserior est,* diz Chrylostomo: mais miseravel he que hum pobre remendado: porque riquezas não se haõ de ter por nada, se lhes falta virtude: & que

esta

esta tiver, não cure daquellas ; porque quem ama a Deos aborrece riquezas, visto que estas impedem voar para o Ceo, ao qual com muita difficuldade vão os ricos, porque como nesta vida vão carregados com o peso de suas riquezas, não podem voar a elle. Pelo que diz S. Jeronymo: *Difficile intrant divites in Regnum Cælorum, quod expeditos, & alarum levitate subnixos habitatores desiderat.* Difficultosamente entraõ ricos no Reyno dos Ceos, porque o voo, que para elles se faz, ha de ser leve, & desembaraçado, haõse mister azas ligeiras, & expeditas, o que ricos não tem, que caminhaõ muito carregados, não para esses Ceos, mas para o inferno. Salvaõse estes com difficuldade, porque como diz S. Augustinho, he cousa difficullosa que ricos não commetão muitos peccados, sendo a occasião delles a sobegidão de bens, as rapinas, os furtos, os illicitos contratos, as usuras, & injustiças que fazem, & sobre tudo sua grande cobiça, & avareza, como a pouca misericordia, que tem com os pobres, dos quaes os fez Deos dispenseiros em materia de riquezas: & tem alguns ricos nomes de ladrões, porque possuem bens dos pobres, sem lhos quererem restituir. Por todas estas razões comparou o Salvador do mundo as riquezas aos espinhos, de cuja significação não ha que descontentar, aonde ella a declarou assim. Pelo que como S. Gregorio diz: *Si verè fratres divites esse vultis, veras divitias amate.* Os q̄ verdadeiramente quereis ser ricos, amai as verdadeiras riquezas. Levãtai o pensamento ao Ceo, nelle ponde vossos desejos, & cuidados. Alli fazei vosso thesouro, considerando as riquezas de Christo, que por nós se fez tão pobre, para enriquecer a pobres, trazendo do Ceo à terra riquezas para encher dellas aos que achasse pobres, & defenganasse a ricos.

August.

Gregor.

Consideração terceira.

Diz Seneca, que a natureza a nenhum vicio nos sujeitou, *Seneca.*
 livres nos gerou, & desapegados de tudo, & por isso
 não poz em descuberto cousa que nos causasse avareza. A pra-
 ta, & ouro nos poz debaixo dos pés, para que com elles pi-
 zassemos, & opprimissemos aquillo porque somos pizados,
 & opprimidos. Levantounos o rosto ao Ceo, para que olhas-
 semos para elle, & vissemos grandezas que desejassemos. O
 ouro escondeo o para que o não cobicássemos. Nós somos
 os que buscamos debaixo da terra o instrumêto de nossos pe-
 rigos, nós entregamos à fortuna os males com que nos per-
 segue, & não nos corremos de ter por cousa mais sobida o
 que he a cousa mais baixa da terra. Em outro lugar diz, que
 as riquezas, & honras apartão do bom caminho, sendo ellas *Seneca.*
 por opinião dos homens agradaveis, & por sua estimação
 muito baixas, & viz. Não são as riquezas mais do que as que-
 rem estimar; nem se louvão, porque se cobicem, mas cobi-
 ção se, porque se louvão, & em tudo ha engano. Estas cau-
 são soberba, & arrogancia, adquirem inveja, grangeão odios,
 & se são muitas, fazem cobiça de mais, subindo de grandes
 cousas a mayores, sempre com esperanças malissimas. O sa-
 bio não ama riquezas, & se as tem em casa, não as tem no co-
 ração, & se lhe fogem, nenhuma cousa levão, senão a si
 mesmas; & se fogem a outros, pasmão; porque sem ellas
 se achão sós, que o coração com ellas se foi. Para comigo
 (diz elle) terão riquezas algum lugar, para com outros
 muy grande lugar. Serão as riquezas minhas, que outros
 são das riquezas. Estas se não devem impedir a sabios,
 porque a sabedoria não se condena com pobreza. O sabio
 pôde ter riquezas, porque a ninguem as toma, sem inju-
 rias de outrem as alcança, & sem tratos illicitos com tanta
 honra entrão em casa, como sahem della. O caminhante
 que

que vai a pé, se acha coche, ou andas em que possa ir, bem he que vá nelle, & deixe de ir a pé. Assim o que na vida caminha com pobreza, se póde ser rico, seja rico, mas cuide que essas riquezas voão, & não tem firmeza. As riquezas haõ de ter differença entre o nescio, & o sabio, se hum, & outro as querem ter. O sabio tem-nas para serviço, o nescio para imperio. O sabio nada permite a suas riquezas, ao nescio tudo permittem seus thesouros: este tem-nas por eternas, o outro por transitorias. Quem ao sabio tirar riquezas, ainda lhe deixa tudo, o que he seu sempre possue, & vive contente, alegre com as cousas presentes, seguro com as vindouras. Estas dizia Bias que levava comfigo, quando sem levar nada fugia da Cidade rendida aos inimigos. Costumava tambem dizer este insigne Filosofo, que por opiniaõ do povo era bemaventurado que alcançava riquezas, mas sem duvida o era mais o que nem ainda as desejava. E Socrates sendo perguntado, quem lhe parecia que era rico entre os homens, respondeo: *Qui paucissimis contentus esset.* Aquelle que com muito pouco se contenta, he rico, porque escusa sobegidões que fazem mal.

Cicero.

Laert.

Abrolhos.

Trabalhos.

Consideração primeira.

Gen. 3.

A Maldição ou Deos a terra pelo peccado de Adão, dizendo, que ella dali por diante daria espinhos, & abrolhos, que o ferissem, & magoassem; & aonde cuidasse colher fructo, os acharia occupando a terra sem deixarem dar fructo às demais plantas. Em outros lugares da sagrada Escritura se fala de abrolhos debaixo deste nome *Tribulus*, q se deriva do verbo *Tribulo*, & quer dizer, atribular: E assim pelos abrolhos claro se deixa ver, que se significão trabalhos, angustias, & afflicções: pois magoãõ, & atribulaõ a quem os padece.

padece. Isto quiz Deos dizer a Adão nas palavras de que tra-
 tamos, que a terra lhe não daria, senão trabalhos, suores, af-
 flicções, & penas. Pelo que accrescentou logo: *In sudore vul-* Gen. 3.
tus tui vesceris panetuo. No suor de vosso rosto comereis
 o vosso pão, que tudo na vida ha de ser cansaço, & angustia
 vossa, até que vos convertais em pó, & cinza, de que fostes
 formado. S. Chrysofomo chama à vida do homem: *Certa-* Chryf.
minum cavea, lugar publico aonde lançavão feras para as ve-
 rem pelear hūas com as outras, & aonde em Roma sahião a
 pelear homens com homens até se matarem. Sahe hum tou-
 ro, & eis que de hūa, & outra parte lhe gritão, o ferem, & ma-
 goão, de sorte, que vendo-se apertado, remete a entrar por
 onde sahio, que às vezes he o açougue aonde o hão de matar.
 Em o homem nascendo, sahe a hum publico terreiro do mū-
 do, aonde de hūa parte, & da outra o começo a acometer
 males, doenças, miserias, trabalhos, perseguições. Estes são os
 inimigos que o ferem, & lastimaõ. E Santo Ambrosio os no-
 mea: *Humores corrumpunt, dolores extenuant, ardores*
exiccant, esca inflant, jejunia macerant, tristitia consu-
munt. Em o homem apparecendo no theatro desta vida, ini-
 migos o perseguem, humores o corrompem, dores o debili-
 tãõ, febres o myrrhãõ, comeres o engrossãõ, jejuns o emma-
 grecem, tristezas o consomem, males todos o atribulãõ. Que
 mais? *Solicitude coarctat, paupertas dejicit, juvenus ex-*
tollit, senectus incurvat. Cuidados o apertãõ, pobreza o
 abate, mocidade o levanta, velhice o derruba, & a vida ven-
 do-se tão acofada, busca aonde se recolha, & acabe, tendo al-
 guns por melhor perdella antes que verse em tantas afflic-
 ções, como fez hūa Porcia, Matrona Romana, que comendo
 brazas, & carvões acesos, se afogou. Marco Antonio matou-
 se com suas mãos, Cleopatra deixou-se morder de aspides,
 Narbano na praça de Rodes com hum punhal se atravessou.
 Huns se afogãõ no mar, outros se lançãõ no fogo, huns
 acabãõ com peçonha, outros com ferro, tomando a morte

por

por re paro de suas afflicções. Isto he o que na vida temos, trabalhos, & afflicções, significados nos Abrolhos; destes está o mundo cheyo, & não ha pòr pé aonde os não achemos, para nos ferirem, & maltratarem.

Iob 31.

Quando Job diz: *Pro frumento oriatur mihi tribulus*: pelo que de cima vinha dizendo, quer dizer, que se elle co- meo fruttos alheyos sem primeiro os pagar; & se elle não satisfez ao jornaleiro por inteiro o que lhe devia, em lugar do trigo lhe nascessem abrolhos; & he, que todas as cousas suaves se lhe convertessem em amarguras, & afflicções, signifi-

Gregor.

cadas neste lugar nos Abrolhos, de que tratamos. S. Gregorio quer, que Job dè nestas palavras a entender, que se elle fez algũa cousa injusta contra seus subditos, & que se não pagou o que devia, ou pedio o que lhe não era devido, na outra vida se lhe dem os males que atormentaõ, que he acharse com Abrolhos, quando cuidasse achar trigo: *Pro bonis, quæ in æternum reficiunt, retribuuntur mihi mala quæ pungunt.* Em lugar de alcançar os bens que para sempre dão refeição, se me dem em paga males que ferem, & lastimaõ como Abrolhos, que são perpetuas afflicções.

Consideração segunda.

*August.
Gen. 3.
Iob 5.*

O Trabalho a que Santo Augustinho chama fructo, que o peccado deu de si, & semente da mesma maldade, com ser natural ao homem depois de sua ruina, como ao passaro o voar, com tudo he aborrecido do homem, & sempre mal aceito delle: sendo assim, que ao trabalho do homem limitou Deos fim, & ao seu descanso neahum fim: não devendo parecer carregado trabalho momentaneo, com que se adquire gloria. He regra dos Theologos, que do ponto que Deos predestinou alguem para o Ceo, logo lhe assinala os trabalhos por onde ha de chegar a esse Ceo; tanto de tristeza, tanto de doenças, tanto de fome, tanto de perseguições, & trabalhos.

2. Cor. 4.

lhos. Grande consolação para a gloria, & grande desconso-
 lação dos que passaõ a vida sem trabalhos, pois naõ parecem es-
 colhidos para ella. Prova o Apostolo S. Paulo esta conclusãõ, *Hebr. 10*
 dizendo, que os Santos chegarão a merecer o Reyno dos
 Ceos por trabalhos, & grandes afflicções, sendo huns cerra-
 dos, outros apedrejados; huns degollados, outros despedaça-
 dos; estas foraõ as historias, & successos de suas vidas, traba-
 lhos, angustias, apertos, fome, tormentos, & morte, & aquel-
 les que o mundo de si lançou como gente desprezada, o Ceo
 os recebeo com braços abertos. Quando os servos de Deos
 toda a vida naõ passarẽ com trabalhos, naõ pòdem estar
 muito tempo sem elles, & ainda que muitas vezes tenhaõ ali-
 vio, & consolação do Ceo, naõ he para por muito tempo es-
 tarem izentos de trabalhos. Chamou o Salvador do mundo a
 si os que estavaõ cançados das afflicções, promettendolhes
 refrigerio: *Et ego recifiam vos.* Mas apoz esse refrigerio lo-
 go diz: *Tollite jugum meum.* A refeição que nesta vida vos *Mat. 11,*
 dou, naõ he para vos izentar para sempre do trabalho, senaõ
 para aliviar delle a tempos: tomai o meu jugo sobre vòs, & ide
 avante, que tendes grande caminho que andar. Assim succe-
 deo ao Profeta Elias, que chegando cançado de ter andado
 grande caminho, lançando-se à sombra de hũa giesta, que hũ
 Anjo lhe trouxe de comer, & o consolou, podia elle cuidar
 que naõ tinha mais trabalho que passar, & que alli se ficaria de
 vagar; adormece com esta imaginação, mas logo o Anjo o
 desperta: *Surge, grandis tibi restat via.* Levantai-vos *E. 4. Reg.*
 Elias, naõ cuideis que o vosso trabalho já tem fim; ainda ten- *19.*
 des muito que passar, & grande caminho que andar. Que
 nesta vida naõ ha descansar por muito tempo. S. Paulo arre- *2. Cor.*
 batado ao terceiro Ceo, podia cuidar que já ficava izento de *12.*
 molestias da vida, mas a lição que neste Ceo ouviu, devia ser,
 que tinha ainda grandissimos trabalhos que passar, & por isso
 dizia elle, que sabia muito bem quantas tribulações estavam
 em Jerusalem esperando por elle. Regala Deos a Virgem Se- *Act. 20.*
 nhora

Luc. 1.

nhora nossa com a visita de hum Anjo, & com aquella ineffavel merce de se ver Mãy do Eterno Creador, & quando parecia, que para toda a vida se lhe guardava grande descanso, no

Luc. 1.

mesmo tempo: *Surgens abiit in montana.* Levantando-se do sossego, & quietação de seu recolhimento, tomou o aspero caminho das montanhas a visitar a pé sua prima S. Isabel.

Luc. 2.

No Nascimento de seu divinissimo Filho grande foi a consolação, & prazer de sua alma; eis que apoz isso começaram receyos, & temores, & por fim fugir com elle para o Egypto.

Matt. 2.

Bem estava o Santo Job nestas variedades da vida do homẽ, quando falando com Deos dizia: *Visitas eum diluculo, & subito probas illum.* Os termos Senhor que tendes com o

Iob 7.

homem, são que pela manhã o visitaes com algum alivio, ou consolação vossa, não esperais que venha a noite, nem o meyo dia para lhe dardes trabalhos, senão que logo, & de repente o provais com tentações, & molestias. Mas pois trabalhos

Iob 2.

vem da mão de Deos, sofraose, & recebaose como merces dadas da mão de Deos: *Si bona suscepimus de manu Dei, mala quare non suscipiamus?* Dizia o mesmo Job a sua

Prov. 3.

molher, a qual tinha trabalhos por triste sorte do mundo, & a Deos por injusto, pois os dava aos homens; pelo que Job lhe chamou nescia, porque se os bens da vida, que bem considerados, nem são bens, nem males, se recebem com alegre

Cant. 5.

rosto, os males da vida, que resultaõ em bens do Ceo, porque os não sofremos com igual semblante; & mais quando effes

males são dados da mão de Deos? *Longitudo dierum in dextera ejus, & in sinistra illius divitiae, & gloria.* As mãos de Deos estão cheas de todos os bens, vida, riquezas, & honra.

Nenhũa cousa nos póde vir dellas que não seja bem, & proveito nosso. Nos Cantares se diz, que as mãos do Divino Esposo são de ouro finissimo, & estão semeadas de jacinthos, & pedras preciosas, porque quanto ha nas mãos de Deos são riquezas de inestimavel valor. Pois de mãos divinas recebemos

os bẽs, os males porque os não receberemos com igual gosto, se

se

se effes males são ouro, perolas, & pedras preciosas? Fugia Elias (como fica ditto) da Rainha Jesabel, que lhe queria tirar a vida, lança-se cançado ao pé da giesta, & cuidando no q̄ lhe podia agradar mais naquella occasião, achou que a morte. E assim pediu a Deos que o levasse para si. Santo Profeta, se desejas a morte, Jesabel pudéra comprir vossio desejo, em vos tirar a vida, para que fugis della? Mas olhai que se Elias deseja a morte, não a quer da mão de hũa Rainha cruel, se não da mão de hum Rey clemente, hum Deos amoroso, que tem mãos de ouro cubertas de jacinthos; porque quanto dellas vem, sejam bens, sejam males, & a mesma morte, são mimos, & favores seus, são flores, & boninas do seu Paraíso, são pedras preciosas de suas mãos. Não tem pois para que se estranhar trabalhos, que elle nos dê. Antes quem já nesta vida quizer fazer parcialidade com elle, ha-se de haver com elle, como quẽ com mercadores vai à perda, & ao ganho. Igualmente ha de levar os bens, & os males, os prosperos successos, como os adversos. Assim o dà a entender Salamão, quando diz: *In die bona frueret bonis, & malam diem precare.* O dia que Deos te der bens, ou algum contentamento, goza-o, mas não percas de vista os males: porque bens, & males; gostos, & trabalhos andão de parilha. E assim como Deos fez o dia bom, fez o dia maligno, & como o homem não despreza o dia bom, não deve aborrecer o maligno, para tudo ha de estar aparelhado: & entretanto não tem que representar queixas a Deos: *Qui timet Deum, nihil negligit.* Ou como lê S. Jeronymo: *Egredietur ad omnia.* Quem teme a Deos, & procura telo por amigo, ha de sair a qualquer condição, & partido que elle lhe ponha, porque esta he a primeira ley de boa amizade. Se Deos nos quer levar por trabalhos, sahi a essa sua vontade; se vos dà pobreza, & necessidades, estai por esse concerto, como jornalheiro que ha de estar por aquillo que o amo lhe manda fazer. Todos somos obreiros, & trabalhadores nesta vinha do Senhor, todos nella havemos de trabalhar, & não estar ociosos.

4. Reg.
19.

Eccl. 7.

Eccl. 7.
Hieron.

fos. Que he vergonha ver que trabalhem, & se cansem tantos por fazerem sua obrigação, & muitos por preguiça não queiramos fazer o mesmo. Determinando Filippe pay de Alexandre Magno dar sobre a Cidade de Corintho, souberão no os Corinthios, & com muita pressa, & diligencia se aparelhãrão para a guerra; & vendo Diogenes que huns concertavaõ as armas, outros refaziaõ os muros, & todos finalmente se occupavaõ em trabalhar, poz-se elle a revolver a pipa que tinha por seu aposento: & levando-a a hũa, & outra parte cõ muita presteza, perguntoulhe hum amigo, para que fazia aquillo, & respondeo, que o fazia, porque não era bem, que aonde todos trabalhavaõ, só elle estivesse ocioso, olhando para os que trabalhavaõ: *Ne unus inter tot operi intentissimos cessator esse videar.* O homem que vê, & sabe muito bem que a sua vida he vida de trabalho, & que na pretensão do Ceo se occupaõ tantos com tantas vigílias, & jejuns, & com taõ grandes penitencias, & elle entre tanto não faz nada, nem em pouco imita os que fazem muito por irem ao Ceo, nenhũa desculpa tem. Trate de fazer de sua parte algũa cousa: occupe se, & trabalhe, como trabalhaõ os que temem seu perigo: porque o Christão ha de viver, & morrer trabalhãdo. Padecia o Emperador Vespasiano grandes enfermidades, & com tudo na cama aonde estava, fazia seu officio, ouvia, & despachava requerente, & Embayxadores. Dizendolhes alguns amigos, que se não cansasse tanto, pois lhe bastavaõ seus males, respondeo elle: que a hum Emperador convinha morrer em pé, & acabar trabalhando: *Imperatore in stantem mori oportet.* Reposta esta que devia dar qualquer Christão, quando trabalhando muito por acodir a sua obrigação, & imperio de seus sentidos, & appetites, havendo pensamento algum q̄ o queira dissuadir de seus intentos, deve responder com muita izeção, que ao Christão importa morrer em pé, com as armas na mão, trabalhando até a morte, & não descansando até alcançar o premio q̄ pretende. Quanto mais q̄ seus trabalhos

Guido.
Bitur.

Sueton.

por

por grandes que sejam, não são nada a respeito do que por elles ha de alcançar, nem os que Deos nesta vida dà, são mais que sombra de trabalhos. Conta o Evangelista S. João, que *Ioan. 2.* para Christo lançar do Templo os que nelle tinhamo trato, & commercio, fez como hum açoute: *Et cum fecisset quasi flagellum.* Não lhe chama açoute, mas como hum açoute: porque na realidade he assim, que os castigos, & trabalhos q̄ Deos nesta vida nos dà, não são verdadeiros castigos, nem verdadeiros trabalhos, mas semelhança delles. No Apocalypse diz o mesmo Evangelista, que da bocca do Senhor sahia hũa espada de dous gumes: *Ex ore ejus procedebat gladius Apoc. 4.* *ex utraque parte acutus.* E aqui no Templo não diz que tinha espada, mas hum como flagello na mão. A differença de hũa, & outra cousa está clara: porque a espada he para matar, & o açoute para emendar. No dia do Juizo usará Deos de espada de dous gumes, para destruir alma, & corpo dos condemnados: agora tão somente quer castigar a huns, & dar era que merecer a outros, & por isso usa como de flagello, que he o mesmo a que David chama vara de encaminhar quem vai errado: *Virga directionis, virga regni tui.* A vara Senhor eõ *Psal. 44.* que governais o vosso Reyno, não he de bronze, nem espada de ferro; he vara branda para emendar errados, he como hũ açoute. Bem estava nisto o Apostolo S. Paulo, quando aos trabalhos dos bons Christãos chamava, como trabalhos, & *2. Cor. 6.* aos castigos, como castigos, & à pobreza, como pobreza: *Quasi morientes, & ecce vivimus.* Não diz que os servos de Deos com os trabalhos da vida morrem, mas como que morrem: não diz que são castigados, mas como que são castigados: *Ut castigati:* não diz que vivem pobres, mas como pobres: *Sicut egentes.* E finalmente não diz que não tem nada, mas que são como os que nada tem: porque o morrer, & ser mortificado, o padecer necessidades nesta vida, & ter trabalhos não he outra cousa, senão hũa semelhança do que se padecer. Por isso quando o Redemptor do mundo apontou as

Mat. 24.

tribulações, guerras, & terremotos, que ha de haver antes do dia do Juizo, conclue por fim, dizendo que todas aquellas cousas hão de ser principio de dores: *Hæc autem omnia initia sunt dolorum*. Porque cousas q̄ hão de ter fim, não se podem chamar senão principio. Dores, trabalhos, perseguições, q̄ se hão de acabar: *Initia sunt doloris*, chamem-se principio de dores. E estes são os trabalhos significados nos Abrolhos, a que damos fim, por tratarmos de outra semelhante planta.

Sylva.

Prisaõ.

Consideração primeira.

Job 30.

A Mata espinhosa que entre nós se chama Sylva, he referida na sagrada Escrittura por este nome *Sentis*, ou *Rutus*; & ainda que a significação que communmente se lhe dà de prisaõ, não conste de algum Author grave, & só pareça que modernos lha derão, pela propriedade que tem de prender a quem a ella se chega: com tudo em hum lugar da sagrada Escrittura parece appropriar-se este significado, porque querendo Job dar a entender que muitos peccadores folgavam de estar presos a seus peccados, & tinham gosto de suas prisões, disse: *Esse sub sentibus delicias computabant*. Tinhaõ por delicias estar debaixo das Sylvas. Como se dissera, tão cegos estão, tão cattivos, & presos a seus appetites, q̄ sendo peccados sylvas, & espinhos, pelo que ferem, & magoão a alma com perpetuos remordimentos, folgão peccadores de estar nessas sylvas, & matas asperas de seus vicios. E tem isto por delicias, como a féra peçonhenta folga de estar nas brehas, & sylvados; & como o porco tem por delicias estar metido no lodo, & a rã no charco.

Quem se vê em prisaõ deseja communmente sair della, & ver-se em liberdade: mas ha pessoas que sentiando-se presas, não

não querem sair de suas prisões, porque nellas achão gosto: estes taes tempor delicias estar debaixo das sylvas: entendem que estão doentes, & estão contentes com seus males, tem feridas, & vivem dellas, chamão gloria à sua prisão, chamão gosto a seu cattiveiro: *Cæcus eram, & cæcitatem amabam*, dizia Santo Augustinho do tempo que vivera no mundo. Eu era cego, & não me bastava ter cegueira, mas o peyor era q̄ amava essa minha cegueira; as trevas me parecião luz, a noite dia, estava preso, & não me queria soltar, porque amava minha prisão. He verdade, que o peccado sempre se acompanha de tristeza, receyo, & temor; he carga muito pesada, & carregada; & com tudo o amor carnal cega de sorte a alma, que a não deixa ver, nem sentir estes males: *Amor carnalis devietam tenet animam*, (diz elle). Tem o amor carnal a alma em prisão, & o deixar-se estar nella, he que não conhece a prisão em que está, & não a conhecer he mal grandissimo. Os peccados (diz elle) são grilhões que nos prendem: *Peccata nostra quasi compedibus nos premunt*. Os nossos peccados são algemas, & grilhões que nos prendem, & de tal sorte se prendem, & atão huns com outros: *Ut non solum sint vincula, sed flagella*. Não sómente são prisões, mas flagellos que nos açoutão.

August.

August.

S. Chrysoftomo diz, q̄ as prisões são ordenadas pelo amor, & que o corporal de tal modo ata, & prende a si a alma, que a retira de todos os actos necessarios, constringe a afastar-se de tudo, & occupar-se só na cousa que ama, tendo seu cuidado, & sentido nella. Estas são as prisões, estas as sylvas, que alguns té por suas delicias: *Esse sub sentibus delicias computabāt*. Mas se o amor carnal tem esta propriedade, que muito ferà o amor de Christo não apartar hũa alma de todas as mais cousas do mundo, prendendo-a, & ajuntando-a a si com hũas ataduras, & cadeas de perpetua caridade? Com estas se sentia preso o Apostolo S. Paulo de sorte, que com ellas não sentia as prisões exteriores: hũas, & outras estimava muito, os gri-

Chrysf.

Iob 30.

lhões de ferro que o cercavaõ, tinha por suas delicias, pois eraõ por amor de Christo, & a prisaõ da alma com que andava unido a Christo, tinha por gloria sua: esta da alma lhe fazia naõ sentir nada a do corpo; & tinha tanto gosto de se ver em grilhões por Christo, que quando desejava que todos fossem como elle, & tivessem a sua Fé, & amor de Deos, logo fazia exceiçaõ dos seus grilhões: *Exceptis vinculis his*. Porque este gosto, & esta gloria de se ver preso por Christo, queria elle só para si: porque lhe era occasiaõ de estar mais preso com Christo: *Ut inhabitet in me virtus Christi*. Por isso só se gloriava destes ferros, & destas prisões.

Act. 26.

Ephes. 4.

O mundo tem prisões em que encarcera aos seus amadores, os que nellas prende, tarde, ou nunca os solta: *Vinculum illius vinculum æneum est*, diz o Ecclesiastico. A sua cadea he cadea de bronze, & metal. Quando David se vio livre della, fez promessas a Deos de lhe offerecer sacrificios de louvor, & agradecimento: *Dirupisti Domine vincula mea, tibi sacrificabo hostiam laudis*. Vós Senhor quebrastes estas prisões em que estava, eternamente vo lo agradecerei, sacrificandovos offerta de louvor. E pois as prisões do mundo são tão perigosas, fujaõ de entrar nellas: cheguemonos às de Christo, entremos nellas, deixemonos estar nellas, & não em as do mundo; porque quem nestas se embarça, busca lanças com que se mate, como diz Santo Augustinho: *Qui se mundanis implicat, tela parit, quibus confodiatur*. Quem se embarça com cousas do mundo, busca armas para se matar. Para Christo nos livrar das prisões da maldade se quiz prender com as ataduras da misericórdia, como diz o mesmo Santo: *Christus misericordie vinculo ligatus, iniquitatis vincula dirupit*. Aonde elle quebrou, & rompeo as prisões da maldade, não haja ovelha sua que se torne a ellas, aproveite-se de sua immensa misericórdia, para que não seja condemnada a eternas prisões de trevas, & confusaõ, para as quaes reservou os Anjos q̄ desampararão seu principado, como diz o Apóstolo

August.

tolo

tolo S. Judas. A maldade a muitos prende, & o demonio a muitos tem cattivos para fazer delles o que quizer, dos quaes diz S. Pauló: *A quo captivi tenentur ad ipsius voluntatem.*

Iudas.

2. Tim. 2.

Estão como servos, & escravos vendidos, carecendo de vontade, & fazendo só a de seu senhor, & como o que se vendeo para remar nas galés o atão logo com cadeas, & põem ao remo. Assim estes se renderão aos vicios de sorte, que supposto que tem vontade, com tudo a tem entregue ao demonio, & elle os tem enlaçados com as ataduras dos peccados tão fortemente, que não tem força para se valerem do alvedrio, & vivem remando, & trabalhando como em galé, sem saberem livrar-se de seu cattiveiro. Estes são os que tem lançado grandes raizes na maldade, acrescentando a sua má inclinação mayor contrapeso, que he o mau costume; o qual se faz da perversa vontade, & quando se lhe não resiste, vem esta vontade a ser necessidade, das quaes cousas, como de fusis engrazados huns nos outros, se vem a fazer a cadeia que prende a peccadores obltinados, os quaes são semelhantes aos Israelitas, de que diz a Escriitura, que se ajuntarão com os Genticos, & venderão-se para fazer mal, fiserão-se cattivos do peccado:

Venundati sunt, ut facerent malum. Dos peccadores que chegão a este miseravel estado, erão figura aquelles escravos, aos quaes o Summo Sacerdote da Ley Velha furava as orelhas o anno do Jubileo, perguntandolhes se querião liberdade: & se os escravos diziaõ que estavaõ contentes com seu cattiveiro, & não querião deixar a seu senhor, logo os marcavão, furandolhes as orelhas em final que ficavaõ para sempre sendo escravos sem remissaõ algũa. Olhe cada hum por si, q se estando preso de algum vicio, deseja liberdade, o Senhor lha dará. Mas se està contente com o cattiveiro do demonio, & prisaõ de seu antigo vicio, que remedio ha de ter para ter liberdade; senão ficar-se cattivo ferrado do mesmo demonio, com esperanças perdidas de a tornar a ter, pois chegou hora em que a pedra da obstinação tapou o bocal do poço, &

1. Mac. 1

estando dentro nelle o peccador, fica no mais miseravel estado que se póde imaginar. Por isso pedia David a Deos, que se algum hora cahisse em algum poço de peccados, não permittisse elle estar nelle tanto tempo, que acertasse de se lhe tapar a bocca do poço: *Neque urgeat super me puteus os suum.* Senhor não me venha eu a enredar tanto nos vicios, q̄ nunca me saiba desembaraçar delles: nem caya eu em algũa cisterna, donde me não seja possível tornar mais a sair.

Ortigas.

Murmurações.

Consideração primeira.

Prov.
24.

Isai. 34.
Osee 9.

NÃO ficarão as Ortigas sem falar dellas a divina Escritura em muitos lugares, com serem tão nocivas, que os Gregos lhe chamarão Acaliphas, por sua maligna natureza, que he de ferir, magoar, & lastimar a todos, sendo por isso conhecidas aonde quer que estão, & arrancadas de entre as boas hervas, pelo dano que lhes causão: propriedades de murmuradores, & linguarazes, que aonde quer que estão são conhecidos por esses, & não se podem encobrir, porque suas mãs linguas os descobrem: a todos ferem, & lastimão com suas palavras, & por isso de todos são aborrecidos.

Prov.
24.

Chrys.

Diz Salamão em os Proverbios, que passou pelo campo do nescio, & o achou todo cuberto de ortigas: *Et ecce totum repleverant urticae.* Murmurações significadas nas ortigas, só se achão em casa do nescio, & na bocca do ignorante, & não do prudente, & avisado. Santo Augustinho diz, que o murmurar he de ignorantes: *Murmurare, & detrahene ignorantium est.* E S. Chrysostomo diz, que o murmurar he de gente baixa, & de pouco entendimento: *Est enim marmurare servorum, & insensatorum.* O mesmo Salamão diz: *Omniem spiritum profert stultus, sapiens autem servat*

servat in posterum. E he dizer, que o nescio tem o coração na bocca, & o avisado a bocca no coração. Que o avisado tem a bocca guardada no coração, & o nescio nem tem guarda na bocca, nem no coração. O prudente considera o que diz, & primeiro se aconselha com o coração; o nescio diz quanto lhe vem à bocca, sem ponderar nada. Os Antigos offerecião linguas cortadas em pratos a seus deoses, em sinal que o prato do silencio dava grande gosto à mesa divina. Tambem adoravão o Corcodilo, animal que não tem lingua, mas muy sagaz, & entendido, significando que o homem que não tem lingua para morder, ou aggravar ao proximo, merece que o honrem como a Deos. Pintavão os EGYPCIOS húa lingua apertada em o punho da mão, em sinal que quando os homens caindo na conta de algum erro, que tinham feito, lançavão mãos às barbas, melhor fora lançallas à lingua, que tantos erros, & faltas lhes faz commetter: ou davão a entender, que a lingua se ha de apertar, & refrear, para que não fale mal, ainda que o Apostolo Santiago diz, que a lingua he húa fera que nenhum homem póde domar: *Linguam nullus hominum domare potest.* Mal inquieto, que inflamma todo o curso de nossa vida. O soberbo qualquer enfermidade o faz humilde. O deshonesto o tempo o tira de o ser. O invejoso nem sempre o he, não durão os outros vicios toda a vida, mas a lingua toda a vida inflamma, & faz seu officio de acender fogo. Porque o que de menino começa a ser linguaraz, tâbem em moço o he, sendo homem o he, & sendo velho, não deixa de o ser. Acrescenta mais o Apostolo, que a lingua está inflamada do inferno (*Inflamata à gehenna*) como que se lhe comunica o mesmo fogo do inferno, que he duravel, & perpetuo, como seu vicio o he. Na vida se pega fogo do inferno à lingua, & na outra este a atormenta mais. A pena intoleravel que orico Avarento dizia a Abrahão que padecia no inferno, era o fogo da lingua, & por isso lhe pedia com instancia húa gotta de agoa fria, que lha refrigerasse: *Ut refrigeret linguam*

Pierius.

Iac. c. 3.

Luc. 16.

quam meam, quia crucior in hac flamma. A causa disto era, que com ser rico, & avarento, juntamente tinha mã lingua para murmurar do proximo, & particularmente dos pobres: já em vida tinha lingua infernal: *Inflammata à geheenna*: na outra sentia a dõr vehemente deste fogo na mesma lingua, q̄ desejava refrescar. E eis aqui as ortigas de q̄ Salamão achou cheyo o campo do homem nescio, murmurações, afrontas, injurias, & falsos testemunhos.

Consideração segunda.

I Saías falando do peccador, diz, que em sua casa nascem espinhos, & ortigas, que são peccados de murmurações, q̄ se achão em peccadores, & não em Justos: *Orientur in domibus ejus spinae, & urticae.* Tão longe está o Justo de se acharem murmurações em sua casa, que por não se arriscar a falar mal, deixa muitas vezes de falar bem: *Obmutui, & sibi à bonis.* Tanto se acautela, que ainda no bem se calla. Mas em casa do peccador só estas hervas se achão, porpue só com elle se dão as murmurações; tudo nelle são ortigas, para ferir, & lastimar a todos: desta tem abundancia, como diz David: *Os tuum abundavit malitiã, & lingua tua concinnabat dolos.* A tua bocca teve abundancia de malicia, & a tua lingua enfeitava enganõs. Presaõse os malignos tanto de terem ortigas em casa, que não querem ter outras insignias, nem outras armas, senão as da lingua, que são murmurações, afrontas, vituperios: não pelejão com outras armas, senão com as da lingua, com estas se vingão, com estas ferem, & matão: *Filii hominum dentes eorum arma, & sagittae, & lingua eorum gladius acutus.* Filhos dos homens, cujos dentes são suas armas; a lingua delles he a sua espada aguda, alfange que dessepa, montante que por tudo corta: *Sagitta vulnerans lingua eorum,* diz Jeremias. A lingua dos murmuradores he setta q̄ fere, & mata. Mata aquelle de quem murmura, & mata aos que

que folgão de o ouvirem murmurar, & mata ao mesmo que usa desta setta. O murmurador se não mata de todo aquelle de quem diz mal, porque o acha innocente, pelo menos deixalhe algum final no lugar aonde o ferio. Dizia hum falador de Alexandre Magno, homem de mà lingua, que ninguem temesse murmurar de outrem, & levantar os aleives que quizesse, porque quãdo as feridas que fizessem com a lingua, acertassem sarar, sempre fica final dellas: *Ut maximè sanet vulnus, manet tamen cicatrix.* Porque nas cousas que se dizem mal de outrem, ainda que se mostre innocencia, sempre fica lugar a cada hum de cuidar o que quizer. E sempre se pôde dizer ao ferido: Dissirão isto, & isto de vòs. São murmurações feridas, de que pelo menos ficão sinaes. Zoilo Amphipolitano foi homem de malissima lingua, que de todos dizia mal, não perdoando a Homero, nem a Platão, nem a outros insignes Varões, & perguntado, porque de todos dizia mal, respondeo: *Male facere cum velim, non possum.* A todos desejo fazer mal, & pois com os feitos não posso, vingo-me na lingua. Nisto declarou a natureza dos murmuradores, que não tendo com que empecer, empecem com os dentes que tem de cão: *Dentes eorum arma, & sagittæ.* Com estas armas ferem, & matão: & se quem mata tem pena de morte, murmuradores a devião ter semelhante, pois matão a honra, que se estima mais que a vida. Não querendo muitos vida, se ha de carecer de honra. Pelo peccado da lingua mādava a Ley *Levit. 5.* Vella que offerecessem hũa cabra, ou hũa ovelha; & quando fossem pobres, offerecessem hum par de rolas, ou dous pombinhos, aos quaes torcerião as cabeças, deixando-os pendurados em as portas do Tabernaculo: parece q̄ quiz Deos; que o murmurador morresse enforcado, pelo menos no sacrificio que lhe offerecião. Tal morte merece quem mata a outros, & a si. A si matão, como diz Oseas: *Cadent in gladio Osea 7.* *principes eorum à furore linguæ suæ.* Como se dissera: aquelles que matão aos outros com a espada de sua mà lingua, com

com essa mesma espada cahirão mortos, porque o furor da sua lingua ferá o cutello do Divino Juiz, com que para sempre os matará, lançando-os no inferno.

Estas ortigas que nascem em casa do peccador, devem se arrancar, não se permittindo que entre boas plantas estejão tão malignaservas. Assim dizia S. Paulo aos de Corinto: *Utinam & abscindantur qui vos conturbant.* Oxalà vira eu arrácadas essas malignaservas, que estão entre as boas: essas perversas linguas que vos perturbão, esses murmuradores que vos inquietão: porque aonde quer que está esta sorte de gente, tudo perturbão, & inquietão. Por isso desejava a Alma Santa que lhe tomassem às mãos as raposas que lhe destruhião a sua vinha: *Capite vobis vulpes parvulas, quæ demoliuntur vineas.* Tomai-me estas pequenas raposas, que me destroem as vinhas: pelas quaes quer S. Bernardo que se entendão murmuradores, & malignos, que manhofamente andão inquirindo, & esmerilhando o que passa para murmurarem disso: raposas pequenas, porque aonde menos imaginais, se esconde às vezes hum grande murmurador; pequenas são, porque murmuradores são vis, & baixos nos espiritos, gente apoucada, que aquillo que outros fazem à ponta da espada, fazem elles com a lingua: pois estes taes tomem-se em laços, & tirem-lhes a vida, pois destroem as vinhas, que por mais florentes, & viçosas que estejão: *Nam vinea nostra floruit.* Por quieta que esteja hũa comunidade, ou hũa familia, havendo nella estas raposas, tudo he destruição. Por isso: *Utinã & abscindantur qui vos conturbant*, diz Paulo, oxalà se arranquem tão máservas. Santo Augustinho em hum Sermão que faz aos Monges do ermo, diz, que queria mais hum Monge deshonesto, que não murmurador, não porque a murmuração do tal seja mais grave, senão porque sendo a deshonestidade mais fea, mais depressa se chora, & se remedeia o mal; mas a murmuração de maravilha se remedeia nunca, nem se chora, nem ha emenda della: *Quid detur tibi, aut quid apponatur*

ponatur tibi ad linguam dolosam? Faz David hũa pergunta, que se vòs viveis bem, que se vos dà de hũa maligna lingua, & responde elle mesmo! *Sagittæ potentis acutæ cum carbonibus desolatoriis.* Mal sabeis que grande mal he hũa lingua maligna, & o dâno que faz, & as perdas, & destruições que causa: he hũa setta despedida de hũa mão poderosa, he hum fogo de alcatraõ, hũas brazas de carvaõ muito acesas, q̃ queimaõ, & abrazaõ tudo quanto alcançaõ, balte que sejaõ acendidas com fogo do inferno.

Taeservas como estas haõse de apartar das boas, & naõ querer mistura com ellas: *Cum detractoribus non commiscearis, quoniam repente consurget perditio eorũ.* Diz o Es- Prov. 24.

pirito Santo. Naõ vos mistureis com murmuradores, & gente que detrahe dos outros, porque cedo lhe virà sua destruição, de repente lhe entrarà a perdição pela porta dentro. Porque permite Deos, que quem teve lingua para dizer mal dos outros, & toda a vida falou mal, na hora da morte se cerre, & naõ possa falar, nem confessar suas culpas; bocca que nunca soube falar bem, entaõ nem bem, nem mal sabe falar. Alèm q̃ sempre Deos apressa a morte desta sorte de gente: *Vir linguosus non dirigetur in terra.* Diz David, o homem que tẽ lingua para falar mal, naõ vai bem encaminhado, nem viverà muito: porque Deos o castigará cedo: *Disperdat Dominus labia dolosa.* Boccas de murmuradores, linguas desenfreadas, tem Deos cuidado de as destruir. Até os Gentios experimentavaõ que gente linguaraz viva pouco. Vendo Aristoteles Stagirites a Callisthenes seu discipulo, que tinha lingua muy livre, & mordaz, respondeo com hum verso de Homero que diz: Ps. 139.

Talia nate loquens, haud multo tempore vives. Laert.
E quer dizer. Tendo vòs a lingua que tendes, naõ podereis viver muito tempo: porque abrevia o Ceo a vida de quem muito fala.

Consideração terceira.

AS murmurações he verdade que lastimaõ, & magoaõ como ortigas, mas magoaõ a quem naõ as sabe sofrer com paciencia: *Nihil suavius, quàm si posses equo animo ferro convitia.* Diz Plutarco: Naõ ha cousa mais suave, que ser possivel ao homem sofrer pacientemente as afrontas: as quaes melhor he soffrellas, que fazellas, porque mais se offende o que as faz, do que aquelle a que saõ feitas. Quem me faz injuria, (diz Seneca) não me afronta, como nem afronta aos deoses quem por desprezo lhe derriba seus altares. A si se afronta quem isto faz, & mostra sua vontade, & maligno intento, que quanto os deoses nada perdem dos que saõ murmuradores, naõ fazem mal, mas bem a alguns, porque os fazem viver acautelados na vida. Excellentemente dizia Antisthenes, que para hũa pessoa viver bem, tinha necessidade, ou de bons amigos, ou de cruéis inimigos; porque o bom amigo quando vos admoesta do vosso defeito, tira-vos d'elle; & o inimigo, quando murmura do vosso mal, faz-vos desviar d'elle. Mas porque neste tempo a verdade he muda, & a adulação palreira, só nos fica que ouçamos essa verdade da bocca dos inimigos. Assim dava muitas graças aos deoses Filippo de Macedonia, porque lhes davaõ inimigos que o faziaõ ser bom, & viver acautelado, para que suas murmurações ficassem enganosas. Eu, dizia elle, procurando que meus emulos fiquem mentirosos, quando vou para fazer cousas mal ordenadas, mudo o conselho: *Muto consilium, & pœnitentiã emendo factum.* Porque naõ commettendo males, faço mentirosos a meus contrarios. O mesmo aconteccõ a Plataõ, o qual sendo avisado que muitos invejosos murmuravão d'elle, respondeo: *Ego sic vivam, ut illis non habeatur fides.* Se murmurão de mim, eu viverei de modo, que se lhes naõ dè credito, & se nas suas mãos està o murmurar, na minha està

estã mostrar que mentem, com meu bom procedimento.

Para os que se inquietã com murmurações, que delles correm, he notavel aviso o que dà Seneca, dizendo, que tem *Seneca.*
 por doudo o que recea ser infamado por gente infame: *Quã-
 ta dementia est vereri ne infameris ab infamibus.* Aonde *Levit.*
 chama infames aos murmuradores, & com rafaõ. No Leviti-
 co mandava Deos, que fugisse cada hum de ser accusador, & *19.*
 murmurador, como que erã officios infames: *Non eris
 criminator, neque susurro in populo.* Olhai que nem seiais
 de mexiricos, nem de murmurações no povo, q̃ vos terão por
 infame. Adverti mais, que nem digais mal do surdo, nem ao
 cego façais cair: *Non maledices surdo, neque coram cæco
 pones offendiculum.* O que interpretando Marulo, diz, que *Marul.*
 aquelle diz mal do surdo, que murmura do ausente, que o
 não ouve para lhe poder responder, & aquelle offende ao ce-
 go, que de repente afronta o que não estava acautelado: *Ma-
 ledicit surdo qui de absente loquitur; cæcum offendit qui
 opprimit incautum.* Pois por isso se chamaõ infames os mur-
 muradores que taes officios tem. E se o murmurar de ausen-
 tes he taõ estranho, como dizer mal do surdo, quanto mais o
 ferã murmurar dos que são mortos, não perdoando linguas
 malignas, nem aos ossos frios que estão nas sepulturas. Dizia *Laert.*
 Chilon Lacedemonio, que era de gente muy baixa murmu-
 rar dos mortos, porque parecia grande infamia morder na
 vida daquelles, que já não podem responder. E querer dizer
 mal de outrem aquelle, de quem se póde dizer muito mal,
 grande doudice. E murmurar hum do vicio, que se lhe póde
 lançar em rosto, grande desenvoltura: *Nihil turpius convi-
 tio, quod in auctore incidit.* Diz Plutarco, que não ha ma- *Plutar.*
 yor infamia, que a murmuraçã do vicio, que se póde lançar
 ao mesmo que murmura: que parece cousa ridicula querer-
 des dizer do outro o que elle póde dizer de vós. E quando
 não apregoar o mesmo, não lhe saltará outra cousa, que diga
 de vós, que permite Deos, que se o murmurador diz do ou-
 tro,

tro, que he hum soberbo, delle digão que he hum luxurioso; & se elle diz do outro, que he hum nescio, delle digão q̄ he hum doudo de pedras, & se elle diz deste, que he hum miseravel, digão delle, que he hum dissipador de quanto tem: a hum murmurador não falta outro que o persiga. Havia em Roma hum homem doudo chamado Laurencio Valla, grande linguaraz, que a ninguem perdoava com murmurações, & este tinha hum competidor, que tambem murmurava delle altissimamente. Assim como na vida hum era contra o outro, assim na morte hum foi a pos outro. Morreo Valla primeiro, & o seu emulo mandou pòr este epitafio na sua sepultura.

Tandem Valla jacet, solitus qui parcere nulli est.

Si queris quid agat, nunc quoque mordet humum.

E quer isto dizer. Emfim morreo Valla, morreo aquelle que com a lingua a ninguem costumou perdoar, se perguntais o que agora faz aqui na terra, digo-vos, q̄ ainda aqui està mordendo a terra: porque nunca esteja sem morder. Morreo a pos isso o seu emulo chamado Bartholomeo Facio, & não faltou hum curioso que lhe fez este epitafio para a sepultura, & diz assim:

Ne velin Elisis sine vindice Valla susurret.

Facius haud multos post obiit ipse dies.

E quer dizer. Porque Valla na outra vida não murmure sem ter quem murmure delle, morreo seu emulo Facio poucos dias depois, porque vai a pos elle hum murmurador, para murmurar de outro murmurador. Não falta quem persiga a hũa maligna lingua, que persegue a outros, & nesta materia o que hum semea, isso colhe. Estava Marco Servilio para fazer tirar hũa ley, que Marco Pinario seu antecessor no Consulado tinha feito, & para dissuadir o povo, havia forçosamente de dizer mal de Pinario, que estava presente. Indo para o fazer olhou para elle, & disse. Pois Pinario, se eu disser mal de vòs, haveis vòs tambem de dizer mal de mim? Respondeo

Pi.

Pinario: *Ut sementem feceris, ita & metes.* Assim como se-
meardes colhereis, ameaçando-o por allegoria que se falasse
mal delle, ouviria mal de si.

Cardo.

Tormento.

Consideração primeira.

DO Cardo se fala em dous lugares da divina Escrittura,
referindo-se nelles a mesma historia, quando Joás Rey
de Israel mandou dizer a Amafias Rey de Juda: *Carduus Li-*
bani misit ad cedrum, dicens: Da filiam tuã filio meo uxo-
rem. Palavras em que por desprezo o comparava ao Cardo,
& elle a si mesmo ao Cedro. É supposto que destes lugares se
podia inferir, que o Cardo significa tudo o que diz baixesa, &
vileza, com tudo como estas plantas asperas de que vamos
tratando, tenhaõ os significados conforme as apparencias, &
as tenções segundo os effeitos, pelo Cardo convenientemen-
te he significado o Tormento, ou seja o que elle causa ferin-
do, & tratando mal as mãos que o tocaõ, ou aquelle que elle
padece antes de prestar para se comer: como se pôde ver no
mao tratamento que se lhe faz quando o ataõ, & cobrem de
terra, & nella o mortificaõ até vir a perder o amargor q̄ tem.
Significado he este que a muitos pertence, porque raros saõ
os que nesta vida naõ padeçaõ algum tormento, ou seja cor-
poral, ou espiritual; & diz Santo Augustinho, que assim co-
mo fazemos tanto por ser livres de tormentos que daõ pena
ao corpo, façamos muito por fugir daquelles que para sem-
pre haõ de affligir, & atormentar a alma no fogo eterno: an-
tes se sofraõ os mayores da vida, por se evitarem os que nun-
ca haõ de ter fim. Porque os menores tormentos do inferno
saõ os mayores, & mais terribes que nesta vida se pôdem
imaginar: *Quaecumque ibi mitiora tormenta sunt, peiora*

4. Reg.

14.

2. Par.

25.

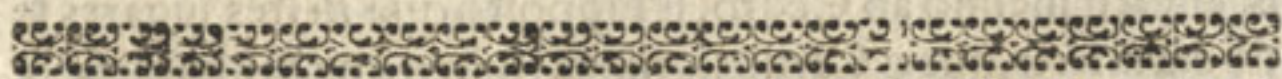
August.

Hh

sunt,

Chryf.
Matt. 5.

sunt, quàm quæ formidas in hoc sæculo. Nenhũa compara-
ção tem huns tormentos com os outros. Os eternos (como
diz S. Chrysoftomo) não podemos fugir, se nos não dispo-
mos a sofrer afflicções: *Nisi paraverimus nos ad ferendas
afflictiones,* & se conforme a doutrina do Senhor, não rogar-
mos a Deos por aquelles que nos affligem, & perseguem.
Isto he o que nos alcançará premio soberano, & livrará de
penas eternas, não fazer mal ao proximo, & sofrer o que se
nos fizer de boa vontade, rogando pelos mesmos que nos fa-
zem dâno. E porque tudo o que pertence a tormento, fica
ditto nas considerações da Murta, geroglyfico da dor, &
de outras plantas que quasi tem o mesmo significado, a ellas
nos reportamos, dando lugar a outras, de que agora have-
mos de tratar.



Grãos.

Conservação.

Consideração primeira.

3. Reg.
17.

FAla-se dos Grãos no segundo livro dos Reys, capitulo
desafette, & por isso devemos darlhe significado neste
jardim de plantas da divina Escrittura. E ainda que Authores
sagrados lho não deraõ, consta de letras humanas, que pelos
Grãos he significada a conservação, & tudo aquillo que por
muito tempo se conserva sem contradição de cousas adverfa-
rias. A rafaõ he, que todos os outros legumes, ou estejaõ ainda
na terra que os produzio, ou aonde quer que depois os guar-
daõ, não lhes faltaõ contrarios, que os corrompaõ, & bichos
que os comaõ, & destruaõ: só nos Grãos se não yio entrar bi-
cho algum, nem padecer outros inconvenientes que os cor-
rompaõ, donde quizeraõ os Antigos, que por elles se sig-
nificasse a conservação das cousas. E he isto tanto assim,
que escrevem os naturaes, que para a hortaliça nas hortas
naõ

naõ ter lagarta, nem bichos, que a comaõ, costumãõ os bem experimentados semear Grãos entre ella, porque naõ sómente fogem estes delles, mas ainda de toda a mais hortaliça, &ervas que lhe ficaõ visinhas. Conta Pierio Valeriano, que em Florença Cidade nobilissima de Italia, costumavaõ os moradores no dia de S. Joãõ Bautista (que entre elles he solennissimo) alastrar as ruas de grãos verdes: a ração disto naõ se sabe, nem elle alcançou mais que ser costume antigo. Senãõ quizermos dizer, que nisto quer aquella gente dar a entender, que para sempre se ha de conservar entre elles a admiravel devoçaõ, que tem ao grande Bautista, festejando seu dia com a possivel solennidade. No segundo livro dos Reys se conta, que vindo El-Rey David com seu exercito cançado, & afflicto, porque seu filho Absalaõ vinha com maõ armada contra elle, huns amigos de David lhe sahiraõ ao encontro, & appresentaraõ socorro de comer, que elle, & seu exercito haviaõ mister, aonde particularmente se aponta que traziaõ: *Frixum oleo cicer*. Grãos fritos em azeite, que devia ser algum manjar costumado na Palestina; de que naõ temos noticia: ainda que se póde dizer, que como aquella gente vinha debilitada, & cançada, de proposito se lhe offerencia aquelle manjar de grãos, que por extremo saõ confortativos, muito substanciaes, & medicinaes, com outras mais virtudes que saõ notorias; pelo que Cicero, sendo algũas vezes persuadido dos amigos, que deixasse o appellido que tinha deste legume, que em Latim se chama Cicer, (donde o seu nome se derivava) dizia, que como havia elle de deixar hum appellido taõ honrado, pois outros mais honrados que elle os tomaraõ tambem de legumes inferiores, dos quaes se presavaõ, & honravaõ muito, como os Fabios, que tomaraõ nome das Favas, & os Lentulos das Lentilhas, & elle Cicero de Cicer, que significa os Grãos.

Pierius;

2. Reg.
17.

Milho.

Multidaõ.

*Consideração primeira.**Didim.
Pier.**Isai. 28.**Ezec. 4.*

Conta Didimo Author Grego, referido por Pierio Valeriano, que o Milho por muitas virtudes que tẽ pro-
veitosas ao genero humano, mereceo que se fizesse delle caso,
& fosse tambem geroglyfico de algũa cousa. Duas vezes se fa-
la do Milho na sagrada Escrittura. Isaias no capitulo 28. tra-
tando como Deos havia de castigar o povo de Israel, & por
fim o havia de consolar, & livrar de seus inimigos, diz que co-
meçaria seu descanso quãdo semeasse o trigo por sua ordem,
a cevada, & o milho: *Ponet triticum per ordinem, & hor-*
deum, & milium. Tambem ao Profeta Ezequiel mandou
Deos que fizesse hum bolo de farinha de trigo, de cevada, de
favas, lentilhas, & milho: *Et tu sume tibi frumentum, &*
hordeum, & fabam, & lentem, & milium. E isto era para
dar a entender a fome, & miserias em que cedo se havia de
ver aquelle povo por peccados seus. Ainda que do sentido da
sagrada Escrittura se podia colligir que o Milho significa fo-
me, & miserias; com tudo parece mais conveniente dar-se-
lhe agora o significado que os Antigos lhe attribuirãõ de
qualquer numero infinito, & multidaõ de cousas que se não
põdem contar; donde disserãõ alguns que este nome *Mille*,
que quer dizer mil, se derivou de *Milium*, que quer dizer
Milho: a razão disto he, que como hum monte de Milho
tem tantos grãos, que quasi se não põdem contar, assim as
cousas que por encarecimento queremos significar que são
muitas, & que não tem numero, costumamos compa-
rallas ao Milho. Didimo he o que lhe dà este significado,
& Pierio o que o refere em breves palavras. Com as mes-
mas diremos agora, q̃ multidaõ de cousas, ou seja de riquezas,

Didim.

ou

ou de outros quaesquer bens temporaes, não se póde deſejar
 neſta vida, na qual ſomos hoſpedes, & paſſageiros, que vamos
 de caminho para a outra. E porqñe o contrario do muito he
 o pouco, & da multidão a ſoledade, o avifo he deixar o mu-
 to deſte mundo, & contentar com o pouco della, apartar da
 multidão, & buscar em tudo retrahimento; donde dizia Se-
 neca muito bem, eſcrevendo a hum ſeu amigo: *Fuge multi-* Seneca.
tudinem, fuge paucitatem, fuge etiam unum non invenio, cū
quo te malim, quàm tecum. Amigo meu, ſe buscais a quieta-
 ção, fugi à multidão, fugi da pouca gente, fugi de hum ſó ho-
 mem. O caſo he, que não acho com quem vos aſſegure, ſe-
 não com voſco, ſe buscais quietação, & eſtado de innocencia,
 porque innocentemente vive quem busca a ſoledade: *Cum* Seneca,
innocentibus vult vivere qui ſolitudinem querit. Affim he,
 que o ſoſſego que entre a gēte ſe perde, na ſoledade ſe adqui-
 re. Duas vezes vio Ezequiel aquella viſão que chama da glo-
 ria do Senhor: *Viſio ſimilitudinis gloriae Dei.* Vio a entre a
 multidão do povo de Iſraell, que eſtava cattivo em Babylo-
 nia, & então a vio com tanta preſſa, que lhe pareceo hum ra-
 yo de coriſco, que apparece, & logo deſapparece: *In ſimili-* Ezech. 8.
tudinem fulguris coruſcantis. Depois a tornou a ver, eſtan-
 do elle no campo, & já então eſtava a gloria de Deos para-
 da, & quieta: *Ecce ibi gloria Domini ſtabat.* Sobre o qual Ezech. 3.
 diz S. Jeronymo, que a gloria do Senhor, que Ezequiel vio à
 maneira de coriſco entre os cattivos de Iſrael, depois lhe ap-
 pareceo muy de eſpaço, & de vagar, eſtando no campo; por-
 que os favores que Deos nega a hũa alma no meyo da inquie-
 tação de negocios, & tratos que tem, depois os faz muy gran-
 des, & vagarofos a quem ſe recolhe com ſigo, & ſobre ſi à ſole-
 dade de ſeu coração: *Gloria Domini ſtans, & perſeverans.* Hieron.
cum ſtante Prophetâ videtur in campo, quæ in medio capti-
vorum nec ſtaret poterat, nec videri. Retirai vos a tratar, &
 converſar com Deos, recórrer a hũa boa confiſſão, entrar em
 hũa Religião, ahi vos apparecerã a gloria de Deos, que em

quanto vos detendes no trafego do mundo, não se vos póde manifestar.

O mesmo Seneca diz a hum seu amigo, que nunca conversára com muita gente, que não sahisse diferente do que entrara na conversação, & que sempre achára em si menos alguma cousa dos costumes, & bom procedimento de vida. Entrava hum, diz elle, & sahia outro, já mais soberbo do que era, mais invejoso, menos recolhido. Na conversação de muitos não faltão alguns de vituperavel exemplo, contamos hum successo de incontinencia que vos inquieta, húa historia de vinganças, que vos parece bem, em fim aonde os que conversão com vosco não são Socrates, nem Platão: *Recede in te ipsum quantum potes; cum his versare, qui te meliorem facturi sunt.* Recolheivos com vosco quanto vos for possivel, conversai com quem vos faça melhor. Feras ha que por não serem achadas nas covas aonde se escondem, apagam ao redor as pégadas, & vestigios por onde as podem descobrir. Aprendeí destas a fazer o mesmo quando haja quem vos inquiete, porque de outro modo não ha de faltar quem vos perturbe: *Tibi tecum optimè convenit.* O tratardes com vosco he o que vos convém. Se assim o fiserdes, vivereis consolado. Que quem mais se esconde, melhor vive. Assim o dizia o Poeta desterrado a hum seu amigo.

Ovid.

*Crede mihi, bene qui latuit, bene vixit, & intra
Fortunam debet quisque manere suam.*

Plat.

E ainda que Platão dizia, que o homẽ solitario, ou era Deus, ou besta fãra: *Homo solitarius aut Deus, aut bestia.* Entende-se isto por certos sугeitos intrataveis, & fóra de toda a humanidade, & policia de gente, que naturalmente aborrecem conversação, & sociedade. Porque de outro modo amar a solidade por sossego da alma he louvavel, & buscalla por rudeza, & aspera inclinação, he vituperado. Pyrrho Eliense sendo húa vez achado só, que o estava elle de ordinario, perguntado que fazia? respondeo: *Meditor esse bonus*: Estou meditando

Plutar.

tando